

SOUTHEASTERN BAPTIST THEOLOGICAL SEMINARY

SAMUEL MEIRA MOUTTA

A visão dos pioneiros: uma análise histórico-estratégica da
plantação de igrejas nos primeiros anos dos batistas no Brasil

RIO DE JANEIRO
2015

SOUTHEASTERN BAPTIST THEOLOGICAL SEMINARY

SAMUEL MEIRA MOUTTA

A visão dos pioneiros: uma análise histórico-estratégica da
plantação de igrejas nos primeiros anos dos batistas no Brasil

Tese apresentada como requisito
de avaliação da disciplina
IND5721.Rio-SP2015 do Curso
Master of Theological Studies.

Professor Orientador:
Dr. Wendal Mark Johnson

**RIO DE JANEIRO
2015**



Aprovação de Tese do MTS

Nome do Aluno: Samuel Meira Moutta

Número do Aluno: 000229136

Título da Tese: A visão dos pioneiros: uma análise histórico-estratégica da plantação de igrejas nos primeiros anos dos batistas no Brasil.

Essa tese foi aprovada pelo Orientador e certificada pelo Diretor.

Data de Apresentação: _____

Orientador: _____

Diretor do MTS: _____

AGRADEDIMENTOS

Mais que uma titulação, este MTS significa a realização de um sonho: a qualificação para o ministério. E este compõe um sonho ainda maior: desenvolvimento e capacitação de missionários e líderes no Brasil para o avanço missionário. Tudo isso só é possível porque a graça de Deus se demonstrou abundante sobre nós por meio da extraordinária visão da liderança da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, na pessoa de seu Diretor Executivo, Pr. Fernando Macedo Brandão, que viabilizou, subsidiou e encorajou-me nesta empreitada. Obrigado, Brandão, pelo privilégio de caminhar ao seu lado.

Agradeço à minha esposa, Simone, pelo apoio e compreensão, por estar comigo e me incentivar nos estudos. Aos meus filhos, Suzane, Silas e Samara, pelos fins de semana, feriados, noites e madrugadas que sacrificaram em meu favor, para que eu pudesse completar este curso.

Agradeço, também, aos meus pais, Daniel e Eliene, pela sólida formação bíblica que me proporcionaram e pelo incentivo que sempre me deram aos estudos.

Agradeço ao Dr. Mark Johnson, missionário da International Mission Board, que foi a primeira pessoa com quem conversei sobre o sonho desse curso, e quem fez as conexões necessárias para sua realização, sendo depois o meu orientador.

Agradeço aos colegas de turma, com quem caminhamos juntos este últimos três anos e meio, especialmente João Emílio, Fernando Brandão, João Marcos Mury e Valdir Soares, pelo incentivo e encorajamento constantes.

Agradeço a Deus pela vida dos pioneiros, que trouxeram o evangelho ao Brasil e ainda hoje inspiram vidas e vocações para os campos missionários.

RESUMO

MOUTTA, Samuel Meira. **A visão dos pioneiros: uma análise histórico-estratégica da plantação de igrejas nos primeiros anos dos batistas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2015. Tese (*Master in Theological Studies*) – *Southeastern Baptist Theological Seminary*, Wake Forest, 2015.

Esta tese faz uma revisão histórica das primeiras plantações de igrejas batistas no Brasil e analisa os fatores estratégicos presentes na ação dos pioneiros, a fim de identificar as conexões que podem ser estabelecidas na plantação de igrejas nos dias atuais. O assunto inicia com uma revisão histórica panorâmica das ações dos pioneiros batistas no Brasil, destacando o cenário mundial que influenciava a ação dos pioneiros e também o cenário político-econômico-cultural-religioso no Brasil, que em parte favorecia em outra parte desfavorecia o avanço do trabalho dos missionários. A partir de fatos históricos importantes envolvendo os pioneiros no Brasil e as primeiras igrejas plantadas, busca-se descobrir os princípios de plantação de igrejas presentes na ação dos pioneiros e como estes princípios contribuíram para o êxito do empreendimento missionário no Brasil. Também são examinados os traços de personalidade comuns aos pioneiros e que deve ser motivo de reflexão para os atuais missionários plantadores de igrejas. Por fim, busca-se ressaltar, com base na análise histórico-estratégica, quais são as ações dos pioneiros que precisam ser repetidas, reforçadas ou reavivadas hoje na plantação de igrejas batistas no Brasil, bem como quais devem ser dispensadas por se tratarem de algo específico e restrito àquela época.

Palavras-chave: missiologia, plantação de igrejas, estratégias missionárias, pioneiros no Brasil, história dos batistas, crescimento de igreja, história de missões.

ABSTRACT

MOUTTA, Samuel Meira. **A visão dos pioneiros: uma análise histórico-estratégica da plantação de igrejas nos primeiros anos dos batistas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2015. Tese (*Master in Theological Studies*) – *Southeastern Baptist Theological Seminary*, Wake Forest, 2015.

This thesis makes a historical review of the first baptist churches planted in Brazil and analyzes the key factors present in the action of the pioneers in order to identify the connections that can be established in church planting today. The issue begins with a panoramic history review of the actions of Baptist pioneers in Brazil, highlighting the global scenario that influenced the action of the pioneers and also the political-economic-cultural-religious scenario in Brazil, which partly favored elsewhere unfavored advance the work of missionaries. From important historical events involving the pioneers in Brazil and the first churches planted, seek to discover the principles of planting churches in the present action of the pioneers and how these principles have contributed to the success of the missionary enterprise in Brazil. They are also examined personality traits common to pioneers and that should be cause for reflection for today's missionary church planters. Finally, it seeks to emphasize, based on historical and strategic analysis, what are the actions of the pioneers that need to be repeated, strengthened or revived today in planting Baptist churches in Brazil, and which should be released because they are something specific and restricted at that time.

Keywords: missiology, church planting, missionary strategies, pioneer in Brazil, history of Baptists, church growth, history of missions

LISTA DE ABREVIATURAS

CBB Convenção Batista Brasileira

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMB International Mission Board

JMM Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira

JMN Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 | MOTIVAÇÃO PESSOAL | 10 |
| 1.2 | ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS | 11 |
| 2 | UM PANORAMA HISTÓRICO | 13 |
| 2.1 | O INÍCIO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL | 13 |
| 2.1.1 | A catequização jesuíta e a cosmovisão religiosa do povo brasileiro no Século 19 | 13 |
| 2.1.2 | A influência do cenário político no Brasil do Século XIX para as missões protestantes | 14 |
| 2.1.3 | O Grande Século de Missões | 15 |
| 2.1.3.1 | A influência do Segundo Avivamento na filosofia e métodos de Evangelismo | 17 |
| 2.1.3.2 | A influência do landmarkismo na eclesiologia e doutrina dos pioneiros | 18 |
| 2.2 | AS PRIMEIRAS IGREJAS BATISTAS DO BRASIL | 19 |
| 2.2.1 | As igrejas em São Paulo | 19 |
| 2.2.2 | As igrejas na Bahia | 20 |
| 2.2.3 | As igrejas no Rio de Janeiro | 23 |
| 2.2.4 | A igreja em Maceió | 25 |
| 2.2.5 | A igreja em Recife | 26 |
| 2.2.6 | A multiplicação de igrejas em vários lugares | 28 |
| 2.3 | OS PIONEIROS | 29 |
| 2.3.1 | William Buck Bagby | 29 |
| 2.3.2 | Zachary Clay Taylor | 31 |
| 2.3.3 | Salomão Luis Ginsburg | 32 |

| | | |
|----------|---|----|
| 2.3.4 | William Edwin Entzminger | 35 |
| 2.3.5 | Eurico Alfredo Nelson | 36 |
| 2.3.6 | Loren Reno | 38 |
| 2.3.7 | Outros pioneiros | 39 |
| 3 | PRINCÍPIOS DE PLANTAÇÃO DE IGREJA OBSERVADOS NA AÇÃO DOS PIONEIROS | 41 |
| 3.1 | FORTE INTENCIONALIDADE NA PLANTAÇÃO DE IGREJAS | 41 |
| 3.2 | ESCOLHA DE CIDADES ESTRATÉGICAS | 44 |
| 3.3 | ENVOLVIMENTO COM O POVO | 48 |
| 3.4 | ÊNFASE NA EVANGELIZAÇÃO | 49 |
| 3.5 | INVESTIMENTO NA FORMAÇÃO DE LÍDERES LOCAIS | 50 |
| 3.6 | IGREJAS LOCAIS COM ESTRUTURAS SIMPLES E FOCO NA MISSÃO | 53 |
| 3.7 | ENVOLVIMENTO IMEDIATO DOS CONVERTIDOS NA EVANGELIZAÇÃO | 55 |
| 3.8 | RELEVÂNCIA NA SOCIEDADE | 57 |
| 3.9 | ZELO DOUTRINÁRIO E DISCIPLINA NA IGREJA | 58 |
| 4 | TRAÇOS DE PERSONALIDADE COMUNS AOS PIONEIROS | 61 |
| 4.1 | PERSEVERANÇA | 63 |
| 4.2 | CONVICÇÃO DE CHAMADO | 65 |
| 4.3 | DEDICAÇÃO ABNEGADA E SEM INTERESSES PESSOAIS | 67 |
| 4.4 | DEDICAÇÃO AO TRABALHO | 69 |
| 4.5 | VISÃO ESTRATÉGICA DE TODO O CAMPO | 70 |
| 5 | CONCLUSÃO | 73 |
| 6 | BIBLIOGRAFIA | 82 |

7 ANEXO – ARTIGO BASEADO NA TESE

1 INTRODUÇÃO

A história dos batistas no Brasil apresenta um início exitoso com resultados rápidos, efetivos e duradouros na plantação de igrejas. Com base nisto, este trabalho visa identificar e analisar traços da personalidade dos pioneiros, bem como as estratégias adotadas, dentro do cenário político, social, econômico e religioso em que atuaram, e como tudo isso influenciou o trabalho de evangelização no Brasil. A pesquisa, portanto, poderá servir aos batistas brasileiros e às missões evangélicas em geral a fim de reforçar intencionalmente os acertos dos pioneiros na expansão missionária e plantação de igrejas em solo brasileiro.

O conhecimento e a reflexão sobre a história sempre apontam um caminho importante para o futuro. Não é diferente com a história dos batistas no Brasil, e em particular com a história da plantação de igrejas. A identificação dos fatores que impulsionaram a expansão do trabalho missionários dos pioneiros batistas no Brasil evidenciará princípios que precisam ser observados ainda hoje, a fim de que se veja um movimento intencional de plantação de igrejas batistas no Brasil no Século XXI. Igualmente importante é identificar e analisar os traços da personalidade e do perfil de liderança observados na experiência dos bem-sucedidos pioneiros a fim de aplicar tais conclusões no treinamento dos novos missionários e pastores, transmitindo a mesma visão, paixão e princípios que, devidamente contextualizados ao cenário brasileiro do Século XXI, resultarão em um grande crescimento dos batistas brasileiros.

1.1 MOTIVAÇÃO PESSOAL

O autor desta tese trabalha atualmente como Gerente Executivo de Expansão Missionária da Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira

(CBB), desde início de 2009, e já vem trabalhando diretamente, há mais de doze anos, na plantação de igrejas em todo o Brasil, como plantador de igreja, pastor de igreja local e líder de agência missionária, fomentando um movimento intencional de plantação de igrejas entre os batistas brasileiros. Sua observação é que em alguns lugares o evangelho plantado há mais de 130 anos cresceu e frutificou muito abundantemente, enquanto outras regiões tiveram limitações e até declínio do trabalho. O que permitiu um crescimento exponencial em alguns lugares e não em outros? Quais fatores foram determinantes para o êxito de determinados missionários, e não de outros? Que princípios e estratégias foram observados pelos pioneiros e que podem ser aplicados, com devida contextualização, nos dias atuais? Se se almeja iniciar este movimento intencional de plantação de igrejas entre os batistas brasileiros neste tempo, há que se considerar as lições importantes dos pioneiros, o que constitui o foco desta pesquisa.

1.2 ORGANIZAÇÃO DE CAPÍTULOS

Esta tese se faz uma análise histórico-estratégica da plantação de igrejas batistas no Brasil. A pesquisa apresentada no segundo capítulo demonstrará, numa panorâmica histórica, o cenário do Século XIX no Brasil quando da chegada dos pioneiros, destacando a influência da catequização jesuíta na formação do pensamento religioso e cosmovisão cristã dos brasileiros. Destacará também as nuances do cenário político, econômico e cultural no Brasil. Tratará ainda das influências de acontecimentos mundiais sobre os pioneiros, como o Movimento Moderno de Missões, o Segundo Grande Avivamento e o movimento landmarquista. A partir daí será resenhada a ação dos pioneiros e a plantação das primeiras igrejas batistas no Brasil.

O terceiro capítulo considerará nove princípios de plantação de igrejas observados na ação dos pioneiros, a saber: forte intencionalidade na plantação de igrejas; escolha de cidades estratégicas; envolvimento com o povo; ênfase na evangelização; investimento na formação de líderes locais; igrejas locais com estruturas simples e foco na missão; envolvimento imediato dos convertidos na evangelização; relevância na sociedade; zelo doutrinário; disciplina na igreja. O quarto capítulo analisará alguns traços de personalidade comuns aos pioneiros batistas no Brasil, sem os quais não seria possível observar o êxito no trabalho, os quais devem ser objeto de imitação pelos plantadores de igrejas no Brasil no século XXI.

No quinto capítulo serão apresentadas as conclusões, com as aplicações para a plantação de igrejas batistas no Brasil com base nas pesquisas colhidas nos capítulos anteriores. Espera-se que pastores, missionários e missiólogos possam utilizar esta pesquisa a fim de conhecer, compreender, valorizar as ações dos pioneiros e ser inspirados por seu exemplo para seus ministérios.

2 UM PANORAMA HISTÓRICO

Para os fins desta pesquisa faz-se necessária a apresentação de uma contextualização do cenário histórico no Brasil, considerando aspectos da economia, política, sociedade e religião. Igualmente necessário se faz entender o pano de fundo do movimento missionário do século XIX e as influências que receberam os pioneiros em seu ambiente batista norte americano. A partir disso, será possível um melhor entendimento das ações, das motivações e das intensões dos primeiros plantadores de igrejas batistas no Brasil.

2.1 O INÍCIO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL

2.1.1 A catequização jesuíta e a cosmovisão religiosa do povo brasileiro no Século XIX

A formação do pensamento religioso do povo brasileiro foi decisivamente direcionada pela atuação missionária dos jesuítas. Seis discípulos de Loyola desembarcaram na Bahia em 29 de março de 1549, dando início ao um extenso período de 210 anos em que influentes jesuítas, como José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Antônio Vieira e Pedro Dias, dentre tantos outros, catequizaram a maciça maioria da população brasileira, então formada por escravos africanos, indígenas e portugueses (CÉSAR, 2000, pág. 32). Para Bueno, foi “uma época marcada pela intolerância religiosa, pelo etnocentrismo e, acima de tudo, pela Contrarreforma” (BUENO, 2012, pág. 50).

O estabelecimento à força de armas da catequização de indígenas animistas, escravos africanos adeptos do espiritismo Yorubá, bem como a convivência com portugueses católicos ultramontanistas, resultou no senso comum do povo brasileiro de uma cosmovisão católica mística e altamente sincrética. Tal sincretismo religioso ainda permanece, na média da população, até os dias de hoje, inclusive em arraiais

evangélicos (RIBEIRO, 1981, pág. 254).

2.1.2 A influência do cenário político no Brasil do século XIX para as missões protestantes

Conquanto a atuação jesuíta e seus desdobramentos afrontavam os interesses colonizadores de Portugal, especialmente a escravização indígena, ambos caminharam juntos sem maiores dificuldades, até que aspectos políticos e econômicos determinaram um rumo diferente, pondo fim à presença jesuíta no Brasil em 1759 (BUENO, 2012, pág. 54). A partir daí, especialmente no século XIX, com a influência da Inglaterra sobre a política econômica e mesmo a segurança nacional de Portugal, passou a haver uma abertura para o pensamento religioso protestante (GOMES, 2007, pág. 67).

A influência da Revolução Francesa, do Iluminismo e da Revolução Industrial custaram muito a chegar ao Brasil. Porém, com a mudança da família real portuguesa à colônia em 1808, mudaram-se também os intelectuais, acadêmicos e nobres de Portugal para o Brasil, fazendo chegar, ainda que tardia e lentamente, a abertura do pensamento para uma reflexão religiosa além da catequização jesuíta (BUENO, *Op. cit.*, pág. 57). A abertura dos portos para a Inglaterra, como condição de sobrevivência e proteção contra os inimigos dos portugueses, resultou em acordo de tolerância religiosa aos anglicanos, desde que seus cultos fossem realizados em casas sem formato de templo e que não houvesse proselitismo (GOMES, 2013, pág. 178).

No Século XIX, já independente de Portugal, o Brasil era governado pelo Imperador D. Pedro II, homem culto e ilustrado, de pensamento liberal e influenciado por ingleses e americanos. O ambiente ainda não era de liberdade religiosa, o que só viria acontecer na República, e mesmo assim demoraria muito para se estabelecer de

fato e de direito, mas já era um ambiente menos hostil e quiçá havia alguma simpatia do imperador e de alguma parte da nobreza pelos missionários protestantes, embora a reação católica permanecesse feroz, com perseguições implacáveis (OLIVEIRA, 1999, 65).

Outro aspecto importante é o ideal republicano que crescia entre a elite brasileira e também alcançava aos poucos a totalidade do povo. As ideias republicanas inspiravam-se, em muito, nos Estados Unidos da América do Norte, e seu protestantismo era visto com bons olhos por homens influentes, como Rui Barbosa, o que favorecia o trabalho dos missionários, especialmente diante da classe alta da sociedade (BUENO, 2012, pág. 249).

Esse ambiente favorável fica destacado num dos primeiros relatórios enviados pelos missionários à Junta de Richmond¹:

Se não nos enganamos, o nosso Pai Celestial abriu as portas do Brasil. Ele nos chama para ocupar a terra. Homens de Deus já se acham no campo. Teve o nosso missionário, logo no princípio de seu trabalho, o privilégio de levar homens ao Cordeiro de Deus, e sepultá-los com Cristo no batismo. Parece que a bênção do Altíssimo paira sobre a Missão. A vossa comissão é de parecer que a obra nesse grande império deve ser aumentada e estendida. Ao invés de quatro missionários, devemos ter vinte (CRABTREE, 1962, pág. 73).

2.1.3 O Grande Século de Missões

Enquanto este cenário desenhava-se no Brasil, algo surpreendente, do ponto de vista da missiologia evangélica, acontecia na Europa e se estendia para a América do Norte, alcançando todo o mundo, desde a Ásia, África, Oceania e América do Sul (TUCKER, 2010, pág. 133). Uma série de fatores contribuiu para fazer do século XIX um período positivo para as missões protestantes mundiais.

¹ Junta de Richmond é o nome que ficou conhecida entre os batistas brasileiros a Foreign Mission Board, Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, cuja sede está na cidade de Richmond, Virgínia. Na década de 1990 passa a se chamar International Mission Board, IMB.

A Era do Iluminismo e do racionalismo do século XVIII foram fundidas com uma nova era de romantismo. Passou-se a rejeitar a confiança excessiva na razão, dando-se mais valor às emoções e à imaginação. A partir das nações industrializadas o movimento missionário evangélico se estendeu como nunca, seja por meio de missionários enviados ou pela participação de obreiros voluntários que migraram a negócios. Esse foi um período de declínio para as religiões não cristãs e também para o catolicismo, posto que o racionalismo francês dos séculos XVII e XVIII havia prejudicado a Igreja e a Revolução Francesa cortou efetivamente o sustento financeiros das missões católico-romanas, enquanto que na América Latina o catolicismo experimentou inúmeros reveses como escândalos, conflitos de interesses (sobretudo comerciais) e guerras. A Igreja Católica era vista pelos países colonos como “o último baluarte de um regime superado e opressivo” (TUCKER, 2010, pág. 134) e os ares de luta por independência, de modo particular no Brasil, criava uma rejeição do catolicismo por parte dos intelectuais que lutavam pela independência.

O protestantismo, por outro lado, vicejava. Cristãos evangélicos ocupavam altos cargos nos governos europeus ou eram cientistas e pesquisadores famosos e reconhecidos. As denominações cresciam rapidamente na América do Norte e o movimento da Escola Dominical ganhava força.

Em um sentido político, o século XIX também foi favorecido para a expansão missionária. Embora houvessem revoluções na Europa e a Guerra Civil nos Estados Unidos da América, havia relativa paz global e um ambiente que favorecia, por causa das incursões comerciais marítimas, o movimento de migração mundial e interação de culturas. Foi também um período de secularização política, em que a religião imposta pelo braço do estado caía cada vez mais na antipatia e rejeição do povo

(especialmente as elites e intelectuais). Não era diferente no Brasil.

Neste cenário mundial de tantas mudanças, aconteceu o primeiro avivamento evangélico na Inglaterra, com Whitefield e Wesley, que despertou nos líderes e leigos cristãos a sua responsabilidade da evangelização mundial, não cabendo mais ao Estado a tarefa de propagação da fé cristã. Foi a partir deste senso de responsabilidade individual que William Carey inaugurou o que se chama hoje Movimento Moderno de Missões. Tudo isso afetou diretamente a evangelização do Brasil, por meio de vários grupos e denominações protestantes, especialmente batistas.

2.1.3.1 A influência do Segundo Avivamento na filosofia e métodos de evangelismo

Foi naquele cenário de abertura e receptividade, bem como de impulso missionário dos países enviados, que chegaram ao Brasil os missionários pioneiros do trabalho batistas. Estes pioneiros foram direta e decisivamente influenciados pelos métodos de evangelismo e pela filosofia de ministério que caracterizaram o Segundo Avivamento que tanto impactou os Estados Unidos da América, principal nação enviada de missionários para o Brasil.

O Segundo Avivamento teve como um de seus principais líderes, e talvez o mais famoso avivalista de sua geração, Charles G. Finney (1792-1875). Ele rompeu com o presbiterianismo e abraçou a práxis arminiana. Criou e divulgou técnicas e métodos que se popularizaram em todo o país e espalharam-se pelo mundo, como o apelo, o banco dos ansiosos e séries de conferências (MATOS, 2011, pág. 2). Diferentemente do Primeiro Avivamento, o Segundo Avivamento foi marcado por uma teologia menos calvinista, influenciada por algumas tendências arminianas, e por isso a ênfase na escolha, iniciativa e decisão humana, além da insistente orientação à piedade pessoal e separação das atividades mundanas.

Apesar de ter iniciado entre os presbiterianos, o Segundo Avivamento foi mais forte entre metodistas e batistas, os quais tiveram um crescimento vertiginoso e tornaram-se os maiores grupos protestantes da América do Norte. Os métodos, a práxis, a teologia e filosofia ministerial resultantes do Segundo Avivamento passaram a caracterizar os Batistas do Sul dos Estados Unidos, e fizeram o pano de fundo histórico daqueles que, mais tarde, viriam como missionários pioneiros ao Brasil, e utilizariam os mesmos métodos e filosofia evangelísticos.

2.1.3.2 A influência do landmarkismo na eclesiologia e doutrina dos pioneiros

Além do Segundo Avivamento, os missionários americanos pioneiros no Brasil foram profundamente influenciados pelo movimento denominado landmarkismo. É difícil definir as bases do landmarkismo norte americano do século XIX, pois suas cores foram em muito misturadas com o atual movimento landmarkista, muitas vezes mais sectarista e extremista. Mas é possível afirmar, com base em documentos da época, que as bases marcantes e influenciadoras do movimento landmarkista eram: ênfase no batismo de adultos, estabelecimento de comunidades locais e autônomas, relacionamento com outras igrejas batistas, estabelecendo associações e convenções que reforçavam a identidade denominacional e o estreitamento de relações intradenominacionais (MENDONÇA, 1990, pág. 104).

Diferentemente dos landmarkistas dos dias atuais, os batistas do Sul dos Estados Unidos no século XIX eram arminianos e usavam largamente os métodos do Segundo Avivamento, especialmente séries de conferências evangelísticas e apelos (*Ibid*, pág. 103). Isso era muito forte nos pioneiros no Brasil e essa marca ficou profunda na mentalidade batista brasileira por muitos anos, e permanece forte ainda nos dias atuais.

Quando analisadas as ações dos missionários batistas pioneiros no Brasil percebe-se claramente sua postura landmarkista no estabelecimento de marcos eclesiológicos e doutrinários, no relacionamento com outras denominações evangélicas (quase sempre dominado por discussões apologéticas) e ainda mais com a distância do movimento ecumênico, e também pela valorização da piedade cristã e não envolvimento com as atividades mundanas. Daí pode-se concluir a enorme influência que o landmarkismo impregnou na cosmovisão e na práxis daqueles missionários no início da obra batista no Brasil, o que ainda permanece em grande parte (REILY, 1984, pág. 123).

2.2 AS PRIMEIRAS IGREJAS BATISTAS DO BRASIL

2.2.1 As igrejas em São Paulo

Derrotados na Guerra Civil americana, muitos sulistas dispuseram-se a recomeçar a vida em outro país, vindo muitos deles para o Brasil, haja vista os favorecimentos do império e o incentivo governamental para os imigrantes norte-americanos. A partir do ano de 1865 várias levas de imigrantes do Sul dos Estados Unidos chegaram ao Brasil, localizando-se em vários lugares. Um dos grupos, talvez o mais bem-sucedido, estabeleceu-se no interior da então Província de São Paulo, na cidade de Santa Bárbara, próximo de Campinas. Ali estabeleceram seus sítios, casas, comércio e empresas. Ali também estabeleceram igrejas, conforme suas crenças e denominações. Dentre estes estavam os batistas que organizaram, em 10 de setembro de 1871, com 23 membros, a Igreja Batista de Santa Bárbara, sendo o seu primeiro pastor um dos colonos, Richard Ratcliff. Esta é a primeira igreja batista estabelecida em solo brasileiro (PEREIRA, 1983, pág. 69). A intenção original da igreja era servir aos colonos americanos e por isso mantinha seus cultos em língua inglesa, mas tinha

franco interesse evangelístico e missionário, o que é demonstrado no primeiro manifesto evangelístico do Brasil, datado de 17 de junho de 1870, cuja preocupação era evangelizar sem distinção de nacionalidade (OLIVEIRA, 2011, pág. 20). Também foi organizada, em 1879, uma outra igreja batista no local chamado Estação, hoje a cidade de Americana, interior de São Paulo, com doze membros (AMARAL, 2001, pág. 17).

Além destas duas igrejas em São Paulo, as duas primeiras igrejas batistas em solo brasileiro, nada mais fora feito naquele promissor estado até em 1899, quando foi organizada a Primeira Igreja Batista da cidade de São Paulo, dando novos rumos à causa batista na terra dos bandeirantes. Só na primeira década do Século XX, com a mudança de Bagby e outros missionários para São Paulo, é que o trabalho deslanchou, sendo plantadas outras igrejas na capital, em Santos, Campinas, Limeira, Jundiaí e depois espalhando-se para o interior do estado (STEFANO, 2012, pág. 8).

Em 1873 um abaixo assinado, feito pelos batistas de Santa Bárbara, foi enviado à Junta de Richmond solicitando que considerasse o Brasil como campo missionário dos batistas do Sul e que enviassem missionários. Passados oito anos a solicitação foi aceita e foram enviados William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, que chegaram no Rio de Janeiro em 2 de março de 1881 e de lá seguiram para Santa Bárbara onde residiram enquanto estudavam a língua e conheciam a cultura brasileira (MEIN, 1982, pág. 21).

2.2.2 As igrejas na Bahia

Enquanto os Bagby ainda estavam em Santa Bárbara, chegaram dos Estados Unidos os missionários Zachary Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor, que se juntaram a eles no estudo da língua e nos planos de expansão da obra missionária

batista no Brasil. Ainda em Santa Bárbara, os missionários ganharam um enorme reforço: o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, nascido na província de Alagoas, convertido pela leitura do Novo Testamento e que inicialmente se tornara metodista, mas pelo estudo mais profundo das Escrituras, juntou-se aos batistas, sendo um grande aliado dos missionários pioneiros.

Os planos para o início da missão batista em terras brasileiras, de modo a permitir expansão a todo o país, ocuparam seriamente os missionários em oração e pesquisas, tão impressionados que estavam com a grandeza da tarefa que empreendiam. Em carta à Junta de Richmond, Bagby escreve:

O campo desocupado é por si um vasto império. Os missionários (de outras denominações) são poucos e separados por longas distâncias. Das vinte e uma províncias do Império, somente quatro estão de alguma maneira ocupadas. Milhares, sim, milhões nunca ouviram falar das Boas Novas. Estão realmente sem Deus e sem esperança no mundo. Minas Gerais, a província ao norte de nós, com dois milhões de almas, está quase abandonada. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ao sul, estão desocupadas e brancas para a ceifa. Oxalá tivéssemos uma dúzia de missionários para entrarem nesta vasta região, onde almas estão perecendo por falta do pão da vida (CRABTREE, 1962, pág. 69).

Os dois missionários fizeram uma viagem até o interior de Minas Gerais. Lá, num hotel em Barbacena, puseram um mapa do Brasil no chão e, ajoelhados ao lado dele, imploraram a direção divina para a escolha que precisavam fazer (PEREIRA, 1982, pág. 79).

Finalmente decidiram estabelecer-se na Bahia, apontando William Bagby, em relatório enviado à Junta de Richmond, os seguintes motivos: a segunda maior cidade do império, com duzentos mil habitantes, com muitas cidades na região circunvizinha; o acesso ao interior e a outras cidades do país era facilitado pela proximidade do Mar e de rios, e também por estradas de ferro; era um campo com quase nenhuma presença missionária evangélica, enquanto no Rio de Janeiro havia missionários de outras seis

ou oito denominações (CRABTREE, *Op. cit.*, pág. 74). Chegando em Salvador em 31 de agosto de 1882, os três casais (Bagby, Taylor e Teixeira) alugaram uma casa pequena onde as três famílias compartilhavam apertadamente os cômodos, até se mudarem para a casa do Barão, na Rua Maciel de Baixo, onde funcionara um colégio jesuíta. Este imóvel acolhia melhor as famílias missionárias e ainda havia um local de cultos, para aproximadamente 200 pessoas (HARRISON, 1987, pág. 34). Ali começaram as reuniões de oração e cultos públicos, sendo a igreja organizada formalmente em 15 de outubro de 1882 (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 80).

Merece destaque o fato narrado em relatório pelo missionário Taylor de que após os três primeiros meses, em que Teixeira pregava nos cultos da noite e os americanos ensinavam a Bíblia e recebiam os visitantes, por conta da oposição do clero local e da diminuição da curiosidade pública, as reuniões se esvaziaram a ponto de se reunirem apenas as famílias missionárias. Isso os forçou a ir para a rua, entrar nas lojas e mercados, em direção ao povo, a fim de encontrar alguém disposto a ouvir o evangelho. A partir dali ficou claro que a evangelização deveria ser feita individualmente, um a um (HARRISON, 1987, pág. 35).

O trabalho em Salvador prosperou, em grande parte graças à forte perseguição que reforçou o ânimo e a garra dos missionários e despertou o interesse do povo. Vinte pessoas foram batizadas logo no primeiro ano de trabalho. Havia de seis a oito cultos por semana, em vários lugares da cidade e os missionários mantinham relacionamentos com muitas pessoas interessadas no evangelho. A Escola Dominical crescia a trinta e cinco alunos (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 36).

Conquanto os Bagby deixassem Salvador em direção ao Rio de Janeiro e Teixeira seguisse para Maceió, o trabalho na Bahia, sob liderança de Taylor, crescia

vertiginosamente, não só na capital, mas também nos interiores de toda a Bahia. Fruto das incursões missionárias de Taylor e da extensão da igreja em Salvador foram organizadas as seguintes igrejas no interior da Bahia: Alagoinha (em 1888), Vargem Grande (em 1894), Amargosa (em 1896), Santo Antônio (em 1898), Vitória da Conquista (em 1900), Canavieiras (em 1900), Aramari (em 1900), Rio Salsa (em 1900), estas ainda no século XIX (AMARAL, 2001, pág. 12).

Merece destaque a conversão de João Gualberto Batista, alcançado em sua funilaria quando Taylor presenteou-lhe uma Bíblia. João se tornou estudioso da Bíblia e após sua conversão e batismo tornou-se pregador e rapidamente foi consagrado como pastor batista, o segundo pastor batista brasileiro (PEREIRA, 1982, pág. 81). Ele sucedeu a Teixeira, após sua morte em 1887, no ministério da igreja em Maceió.

2.2.3 As igrejas no Rio de Janeiro

Quando o trabalho na Bahia se desenvolveu, chegando a 25 membros, e Taylor pregava com fluência em português, Bagby decidiu que deveria multiplicar os esforços em uma nova missão no Brasil. Considerou entre Belém do Pará e o Rio de Janeiro, optando por este último pelos seguintes motivos: o Rio era a capital do Império e a maior cidade do país, sendo o centro da cultura, da política e da economia. Era um passo estratégico para a consolidação e expansão do trabalho batista no Brasil a plantaçãõ de uma igreja forte no Rio de Janeiro, ainda que outras denominações já estivessem ali (HARRISON, 1987, pág. 42).

Em 24 de julho de 1884, Bagby chegou ao Rio de Janeiro e hospedou-se com a família em um hotel. Ele estava devidamente autorizado pela Junta de Richmond para iniciar a missão do Rio, ainda que sob o desagrado de outras denominações. Antes de chegar ao Rio, vindo de Salvador, passara um breve período em Santa

Bárbara para cuidado pastoral daquela igreja. Por providência, encontrou no Rio de Janeiro o sr. John Miller, vice-cônsul, que ele havia conhecido em Santa Bárbara, o qual morava na pensão de uma senhora inglesa, Elizabeth Williams. Ela era membro do Tabernáculo de Londres, pastoreada pelo famoso pregador batista Charles Spurgeon. Tratava-se de uma senhora distinta, piedosa e fiel ao serviço de Cristo. Indo visitá-la, Bagby recebeu o convite para a casa dela como sala de pregação. Ali começou o trabalho que depois, em 24 de agosto de 1884, foi organizado como Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, reunindo-se num salão alugado na Rua Senador Cassiano, sendo quatro os membros fundadores William e Anne Bagby, a Sra. Williams e Mary O'Rorke, que viera com a família Bagby de Salvador. Logo se juntaria à igreja a escocesa Joana Snyder (CRABTREE, 1930, pág. 93).

Outros forasteiros imigrantes se uniram à igreja logo em seu início, mas o desejo de Bagby era batizar brasileiros, o que lhe parecia distante de acontecer. Mas em 31 de janeiro de 1885 ele batizou o primeiro brasileiro nas águas da Baía de Guanabara, mas não era propriamente um convertido, pois Cândido J. Mesquita tinha sido presbiteriano por catorze anos (PEREIRA, 1982, pág. 86). O primeiro brasileiro convertido como resultado do trabalho de Bagby no Brasil foi uma mulher, Castorina Adélia de Castro, empregada dos Bagby, evangelizada por Anne (AZEVEDO, 1988, pág. 25).

A Junta de Richmond queria ver frutos rápidos, como via na Bahia, e até cogitou transferência de Bagby para um campo mais fértil, mas a persistência de Bagby o fez continuar e ver os frutos de seu trabalho na capital e na província do Rio de Janeiro. Superada a crise inicial, o trabalho pioneiro de Bagby pode ser visto além do crescimento rápido da igreja no Rio de Janeiro, mas também na organização das

igrejas de Juiz de Fora e Barbacena no estado de Minas Gerais em 1890 e 1892 respectivamente, de várias igrejas organizadas no interior do estado do Rio de Janeiro, como Campos em 1891, Niterói em 1892, São Fidélis em 1894, Guandu e Paraíba do Sul em 1895, Macaé em 1898, Ernesto Machado em 1899, Cambuci e Rio Preto em 1900, Anta em 1902, Sapucaia em 1904, além de outras igrejas organizadas na então capital federal: Piedade em 1893, Santa Bárbara em 1895, Paciência em 1900, Boa Nova em 1900, Engenho de Dentro em 1902 e Campo Grande em 1903. (AMARAL, 2001 pág. 13).

Várias destas igrejas têm diversas igrejas filhas e netas, que multiplicaram esplendidamente o número e a força das igrejas em todo o estado do Rio de Janeiro e na capital federal (SALLES, 2005, pág. 324). Só para ilustrar, uma das filhas da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, a Primeira Igreja Batista de Campo Grande, tem atualmente vinte e nove igrejas filhas, trinta e uma igrejas netas, quatorze igrejas bisnetas e quatro trinetas, totalizando 78 igrejas descendentes que, junto com a mãe, somam mais de vinte mil membros (BATISTA, 2012, pág. 286). Como resultado do trabalho pioneiro de Bagby há atualmente cerca de duas mil e duzentas igrejas e congregações batistas na capital e no estado do Rio de Janeiro, somando aproximadamente quinhentos mil batistas, um quarto dos batistas brasileiros.

2.2.4 A igreja em Maceió

Assustado com as represálias de que seria vítima, em virtude de haver deixado a batina e contraído casamento, Antônio Teixeira de Albuquerque fugiu para São Paulo, uma vez que fora ameaçado em Recife e em Maceió (PEREIRA, 1982, pág. 88). Mas a situação mudou após sua conversão, casamento, batismo, consagração pastoral, experiência missionária em Salvador, conversão de sua esposa, maturidade e

convicção de fé. Teixeira sentiu-se impulsionado a voltar para Maceió, disposto a enfrentar oposições e perseguições que certo viriam. O opúsculo que escrevera, “*Três Razões Por Que Deixei a Igreja Romana*”, já vinha sendo largamente usado, e com êxito, tanto na Bahia quanto no Rio. Vários exemplares foram à sua frente, despertando o interesse de várias pessoas para o estudo da Bíblia, as quais escreveram à missão na Bahia pedindo a presença do ex-padre alagoano. Isto lhe fez estar encorajado para rever seus ex-paroquianos, especialmente seus pais, que tanto insistiram para que ele fosse padre, e que então Teixeira desejava evangelizá-los. Após duas incursões evangelísticas, Teixeira mudou-se para Maceió a fim de estabelecer ali uma missão, sendo organizada a Primeira Igreja Batista, com dez membros, em 17 de maio de 1885. Ele teve o privilégio de batizar os seus pais e muitos conterrâneos (MESQUITA, 1930, pág. 13).

2.2.5 A igreja em Recife

Quando Teixeira de Albuquerque deixou a batina e fugiu de Maceió com sua namorada, rumou para Recife, onde conheceu Wandragésilo Melo Lins, que o ajudou a fugir da perseguição do clero e o encaminhou nos estudos da Bíblia, pois já tinha mais conhecimentos bíblicos do que seu amigo ex-padre. De fato, a ajuda de Melo Lins foi essencial para a conversão e consagração de Teixeira. Melo Lins frequentava a igreja Presbiteriana e também a igreja Congregacional, mas não se unira a nenhuma delas por não concordar com aquele tipo de batismo. Foi então, por solicitação de Teixeira, quando este já estava em Maceió novamente, agora como pastor, que Taylor se encontrou com Melo Lins em Recife e, após expor a fé batista e arguir suas convicções, o batizou nas águas do Rio Beberibe. Estava batizado o primeiro batista pernambucano (*Ibid*, pág. 14).

O Dr. Taylor, ao regressar de Recife para Salvador após o batismo de Melo Lins, convidou o recém batizado para ir com ele até Maceió, onde organizaram a Primeira Igreja Batista em 1885. Melo Lins permaneceu em Maceió, membro da igreja então pastoreada por Teixeira, atuando como pregador e evangelista ardoroso. No início de 1886 ele foi consagrado ao ministério pastoral, em Maceió, e de lá seguiu de volta a Recife, atendendo ao desafio de Taylor, para plantar uma igreja naquela cidade. Seis meses depois, já havia uma animada congregação e seis pessoas prontas para o batismo (*Ibid*, pág. 14).

Chegou ao Brasil, no princípio de 1886, recém nomeados pela Junta de Richmond, os missionários Charles Daniel e sua esposa. Ele tinha a vantagem de falar o português, posto ter sido criado no Brasil. A igreja em Recife foi organizada em 4 de abril de 1886 (PEREIRA, 1982, pág. 90), sendo Charles Daniel oficialmente o pastor e Melo Lins evangelista.

Com a saída de Taylor, que se retirava aos Estados Unidos para tratamento de sua saúde, três meses após a organização da igreja de Recife, Charles Daniel foi para a Bahia para substituí-lo. Melo Lins assumiu como pastor em Recife, lutando por três anos à frente do rebanho, até que uma terrível tormenta o alcançou: Martiniano, que era casado, queria contrair segundas núpcias, a que o pastor Lins se opunha. Formaram-se grupos que dividiram a igreja, estabelecendo-se um clima de terrível luta, afastando os crentes e quase levando a zero a congregação. Ao saber desta questão, Taylor, que já estava de volta ao Brasil, corta o salário de Melo Lins, deixando-o em sérios apuros². Foi o fim da primeira etapa do trabalho batista em

² Segundo relato de Ginsburg (1970, pág. 69), em sua autobiografia, “o Dr. Z.C.Taylor, um dos obreiros mais consagrados e abnegados que o Brasil já teve, defendia ideias peculiares a respeito do casamento e do divórcio. Cria que a igreja local podia conceder o divórcio à parte inocente e que,

Recife (MESQUITA, 1939, pág. 15). Melo Lins voltou para Maceió e a igreja de Recife, muito enfraquecida, era visitada esporadicamente por Taylor.

Em 1892 chegou a Recife o missionário William Edwin Entzminger que reorganizou a igreja e deu solidez ao trabalho. Desde então o crescimento foi duradouro e o evangelho espalhando-se por toda a parte, sendo estabelecidos pontos de pregação, mais tarde organizados em igrejas: Goiana em 1892, Nazareth da Mata em 1896, Limoeiro e Capibaribe-Mirim em 1898, Cachoeiras e Bom Jardim em 1899, Timbaúba e Bomba do Memetério em 1900 (AMARAL, 2001, pág. 12).

2.2.6 A multiplicação de igrejas em vários lugares

A expansão da obra batista no Brasil alcançou outros lugares por esforço dos pioneiros missionários e imigrantes. A chegada dos imigrantes letos, batistas, a partir de 1890, motivada por opressão político-religiosa e as precárias condições sociais e econômicas na Letônia, foi um impulso missionário no sul do Brasil, uma vez que até então não havia missionários americanos naquelas plagas (SANTOS, 1992, pág. 25). Também impulsionou a obra batista no sul do Brasil a chegada de imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, que por suas profundas convicções batistas não se filiaram às igrejas luteranas, mas iniciaram igrejas batistas, voltadas para o público alemão, mas, como também faziam os letos, sem se esquecer do brasileiro (BORGES, 2010, pág. 21). Como fruto desta migração tem-se um movimento, mesmo que não intencional, de plantação de igrejas em todo o sul do Brasil, de onde vêm as seguintes igrejas: Alemã de São Paulo e Alemã de Campinas em 1891, Leta de Rio Novo SC e Leta de

uma vez concedido o divórcio, a dita igreja podia com legitimidade celebrar novas núpcias. As leis do país, porém, eram contrárias ao divórcio”. Talvez tenha sido por causa destas convicções e pela recusa de Melo Lins em submeter-se a essas orientações que Taylor cortou o salário do missionário, ficando do lado do grupo dissidente e contra o pastor, que se viu forçado a deixar a igreja. Sem julgar o mérito da decisão de Taylor, é fato que ela prejudicou a igreja, que quase morreu, atrasando o avanço do evangelho em terras pernambucanas até a chegada de Entzminger.

Rio Oratório em 1892, Alemã em Vila Formosa RS em 1893, Leta da Linha Dez RS em 1895, Leta de Rio Mãe Luzia SC em 1895, Leta de Alto Guarai SC (ou Massaranduba) em 1898, Alemã de Porto Alegre RS em 1898, Leta de Jacu-Açu em 1898 (BORGES, *Op. cit.*).

Ainda é preciso destacar a ação missionária extraordinária no Norte de Brasil, liderada por Eurico Alfredo Nelson, que serviu como missionário na Amazônia por quarenta e oito anos, de 1891 a 1939, plantando igrejas no Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Maranhão, Piauí e Ceará (PEREIRA, 1945, pág. 72). A primeira igreja evangélica de toda a Amazônia é a Primeira Igreja Batista do Pará, plantada por Nelson. Foi só o começo de uma jornada de evangelização pelos rios e matas, onde muitas igrejas foram plantadas.

2.3 OS PIONEIROS

Ao estudar a história da plantação das primeiras igrejas batistas no Brasil, fica evidente que os missionários pioneiros, suas histórias e características pessoais foram determinante para o êxito do empreendimento missionário. Por isso, esta pesquisa destaca, em síntese, a história de vocação e exercício de ministério deste homens e mulheres de Deus: William Buck Baby, Zachary Clay Taylor, Salomão Luis Ginsburg, William Edwin Entzinger, Eurico Alfredo Nelson, Loren Reno, dentre outros pioneiros.

2.3.1 William Buck Bagby

Nascido no Texas, em 5 de novembro de 1855, Bagby descendia de huguenotes franceses que haviam fugido da perseguição religiosa sob Luiz XIV. Converteu-se aos 12 anos. Formou-se em teologia em Baylor, aos vinte anos de idade, sendo licenciado para pregar e ensinar. Sua consagração ao ministério pastoral

ocorreu em 16 de março de 1879, aos 23 anos de idade.

Em 21 de outubro de 1880 casou-se com Anne Luther Bagby, filha do Dr. John Luther, reitor da Universidade de Baylor (HARRISON, 1987, pág. 12). O jovem casal fora influenciado, desde o tempo do noivado, pelo General Hawthorne, “um dos norte-americanos que se mostraram mais entusiasmados com a ideia da colocação de cidadãos sulistas no Brasil” (PEREIRA, 1982, pág. 69). Hawthorne havia vivido um período na terra do Cruzeiro do Sul e, de volta aos Estados Unidos, tornara-se “um propagandista do estabelecimento de uma Missão Batista no Brasil” (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 70).

O casal apresentou-se à Junta de Richmond para atuarem no Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 2 de março de 1881, após quarenta e oito dias de viagem. Do Rio seguiram para Santa Bárbara do Oeste, onde estudaram o português enquanto William pastoreava a igreja, empreendendo planos para a evangelização do Brasil. Após a chegada do casal Taylor e também do ex-padre Teixeira de Albuquerque, decidiram seguir para Salvador, onde plantaram a igreja, em 1882.

Em 1884 Babgy transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1900, quando se mudou para São Paulo a fim de instituírem o Colégio Batista Americano na capital paulista. Naquele estado, ele pode pastorear e plantar igrejas, formar liderança local e influenciar na educação, o que passou a ser, naquele momento, sua atividade principal. Porém, mesmo no tempo do colégio, não deixou de viajar para o interior do estado de São Paulo e em outros estados do Brasil (especialmente Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Mato Grosso) e até para países vizinhos como Chile e Argentina, visando expandir a obra batista por meio da evangelização e plantação de igrejas (HARRISON, 1987, pág.

71). Em 1908, ele ajudou a organizar União Batista Chilena (PEREIRA, 1982, pág. 93). Em 1927 mudou-se para Porto Alegre, onde dedicou os últimos doze anos de sua vida àquele campo missionário, fazendo incursões evangelizadoras pelo interior do estado. Morreu em 5 de agosto de 1939, aos 83 anos de idade, após 58 anos de trabalho missionário no Brasil, sendo sepultado em Porto Alegre (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 87).

Ressalta-se o que Bagby escreveu à Junta de Richmond, resumindo a prioridade de seu ministério:

Os membros desta Missão estão convencidos de que o principal trabalho do missionário estrangeiro não é permanecer em um ou dois lugares e trabalhar aí exclusivamente ou principalmente, mas, sim, pregar o evangelho em muitos campos, fixando residência em certos centros, talvez, mas viajando nós mesmos de lugar em lugar e pregando. Não sentimos que Deus nos tenha enviado ao Brasil para sermos pastor tanto quanto missionários e evangelistas. Se nos tornamos, temporariamente, pastores das igrejas que organizamos, consideramos isso não nossa primária, mas sim, secundária tarefa. Nossa obra primária deverá ser sempre distintivamente missionária e evangelizadora (PEREIRA, 1982, pág. 92).

2.3.2 Zachary Clay Taylor

Nascido em 1851, em Jackson, no estado de Mississippi, Taylor era filho de um diácono batista, que migrou com sua família para o Texas em consequência da Guerra da Secessão. Converteu-se aos dezoito anos e logo sentiu-se chamado para o trabalho cristão, ingressando na Universidade de Waco e depois na Universidade de Baylor, onde sentiu pela primeira vez, e antes de Bagby, a chamada para pregar o evangelho no Brasil, impressionado com a leitura do livro *O Brasil e os Brasileiros*³. Terminado o curso em Baylor, em 1879, Taylor foi consagrado ao ministério e exerceu seu primeiro pastorado na cidade de Runnels, economizando dinheiro no trabalho secular

³ Livro escrito pelos missionários Kidder e Fletcher, pregadores metodistas que haviam estado no Brasil na época da Regência. Taylor emprestou a leitura do mesmo livro a Bagby, quando ainda estudavam em Baylor, e tal leitura impressionou profundamente a ele também (MEIN, 1982, pág. 19).

a fim de sustentar-se no Seminário de Louisville, para onde foi no ano seguinte. Tinha planos de cursar todo o curso de três anos, mas cedendo aos apelos de Hawthorne e Bagby, apressou os planos para sua vinda ao Brasil. Casou-se em 25 de dezembro de 1881, com Kate Stevens Crawford Taylor, sendo o casal nomeado pela Junta de Richmond e em 11 de janeiro de 1882 embarcavam para o Brasil, onde chegaram em 04 de março do mesmo ano (CRABTREE, 1962, pág. 68).

Após um curto período em São Paulo, seguiu com Bagby e Teixeira para Salvador a fim de iniciarem ali o trabalho de expansão missionária no Brasil. Após a saída de Bagby para o Rio de Janeiro e de Teixeira para Maceió, Taylor permaneceu à frente da igreja na Bahia, porém não se limitou àquela única igreja, ou mesmo à capital. Foram várias e muito frutíferas as suas incursões para os interiores da Bahia, onde evangelizou e plantou igrejas.

Ao comemorar o quarto aniversário da igreja da Bahia, em 15 de outubro de 1886, já sem Bagby e Teixeira, Taylor apresentou um relatório entusiasta, contabilizando 93 batismos, dois pastores brasileiros consagrados e mais dois que estavam pregando e se preparando para o ministério. A missão na Bahia contava com três igrejas, dez pontos de pregação, cinco pastores, dois obreiros, quatro diáconos e 120 batistas (CRABTREE, 1962, pág. 87). Em seu relatório de 1897, Taylor declarou que aquele fora um ano frutífero, com 85 batismos e que havia feito tantas visitas que esteve fora da cidade cinco meses durante o ano, visitando todas as igrejas duas vezes (CRABTREE, *Op. cit.* pág. 154).

A organização do Colégio Egydio Americano, em 1898, em Salvador⁴,

⁴ O colégio mudou de nome para Colégio Taylor-Egídio e foi transferido em 1922 para o município de Jaguaquara, no interior da Bahia. Este é o primeiro colégio batista no Brasil. (ANDRADE, 1998, pág. 35-40)

também trouxe grande impacto e reconhecimento por parte de toda a sociedade (ANDRADE, 1998, pág. 20). No final de 1900, já eram nove igrejas e 516 membros (CRABTREE, op. cit, pág. 153) e em 1906 já eram 24 igrejas, dez pastores nacionais e 1.161 membros (CRABTREE, op. cit, pág. 247).

Taylor destacou-se também por seu zelo doutrinário. Foi ele quem traduziu a *Confissão de Fé de New Hampshire*, que foi adotada por todas as igrejas batistas daquele período, bem como pela CBB em 1907 com o nome de Declaração de fé das igrejas batistas do Brasil. Traduziu e escreveu livros, artigos e folhetos que influenciaram na formação do pensamento teológico dos primeiros obreiros nacionais (PEREIRA, 1982, pág, 80).

2.3.3 Salomão Luis Ginsburg

Salomão Ginsburg nasceu em 6 de agosto de 1867, num povoado próximo de Suwalki, na Polônia sob o domínio do Império Russo. Seu pai era judeu nascido na Polônia, e exercia o ofício de rabino, enquanto sua mãe, filha de judeus alemães, era natural de Koenigsberg (Alemanha). Ele foi levado, aos seis anos de idade, para a casa dos avós maternos, em Koenigsberg, para receber a educação básica, e ali ficou até a idade de catorze anos. Retornou à casa paterna onde cresceu alimentando dúvidas sobre textos das Escrituras Sagradas, que falavam do Messias, sobre os quais, uma vez, pediu esclarecimento ao seu pai, recebendo, como resposta, uma bofetada (GINSBURG, 1970, pág. 22). Converteu-se em 1883 e logo sentiu-se chamado para o ministério. Recomendado por um professor do Colégio, Ginsburg encontrou Sara Poulton Kalley, viúva de Robert Kalley, missionário que havia iniciado a obra congregacional no Brasil. Ela o convidou para trabalhar no Brasil e em 1890 ele foi ordenado ao ministério evangélico e nomeado missionário por uma sociedade

missionária para servir no Brasil. Viajou a Portugal para aprender a língua portuguesa. Escreveu, ao final de um mês de aprendizado (fevereiro de 1890), um folheto, em português, com o título *São Pedro nunca foi papa*, vendendo três mil exemplares pessoalmente. Pouco tempo depois escreveu um segundo, *Religião de trapos, ossos e farinha*, sendo perseguido pelos jesuítas, a ponto de resolver antecipar a viagem para o Brasil, depois de intimado pela polícia (SILVA, 2005, pág. 24).

Chegando ao Rio de Janeiro em 10 de junho de 1890, Ginsburg se uniu à Igreja Fluminense, passando a trabalhar na evangelização na cidade do Rio de Janeiro e de Niterói. Salomão, em 1891, foi enviado ao Recife para substituir o pastor James Phanstone, que entrava em gozo de férias, na direção da Igreja Evangélica Pernambucana (Congregacional). Ali Ginsburg começou a debater com o missionário batista Zacharias Taylor, as bases bíblicas do batismo por imersão, assunto que já o preocupava há algum tempo. A análise dos textos que efetuou na língua original convenceu Ginsburg de que a forma bíblica do batismo era a adotada pelos batistas (MESQUITA, 1930, pág. 57). Salomão Ginsburg tornava-se então, pelo batismo, um batista, e em concílio realizado uma semana depois, um pastor e missionário batista.

Ginsburg destacou-se como profícuo plantador de igrejas. Ajudou na organização da igreja alemã em São Paulo, em 1892, e de lá seguiu para o Pernambuco onde, juntamente com Entzminger, reorganizaram a igreja de Recife, depois foi para Niterói, onde fortaleceu a igreja. Dali seguiu para Campos, consolidando e dando crescimento à igreja iniciada por Bagby, e plantando novas igrejas por todo o Norte Fluminense: São Fidélis, Macaé, Ernesto Machado, Guandu, Cambuci, Rio Preto, as quais se multiplicaram após a saída do missionário daquele campo.

No Pernambuco, reorganizou a Primeira Igreja Batista do Recife e plantou várias outras igrejas: Jaboatão, Cordeiro, Gameleira, Jardim, Torre, Feitosa, Garanhuns, Timbaúba, Palmares, Cortez, Moganga, entre outras. Plantou igrejas em Alagoas (Atalaia), Goiás e Rio de Janeiro capital (Jacarepaguá). Destacou-se também na imprensa, na literatura e na educação teológica. Publicou o Jornal “As Boas Novas”, na cidade de Campos, que depois seria incorporado pelo Jornal Batista, e em Recife o jornal “O Missionário”. Usava da imprensa local publicando artigos e polêmicas acerca da Bíblia e da fé cristã. Foram muitos os homens despertados, preparados, capacitados e encaminhados ao ministério pastoral por Ginsburg, dos quais vários se destacaram como líderes da denominação, o que mostra a sua intencionalidade na preparação de líderes (SILVA, 2005, pág. 27). Salomão Ginsburg iniciou o Seminário Batista de Pernambuco, na cidade do Recife (PE), em 1º de abril de 1902 (Mesquita, 1930, p. 74).

Foi Ginsburg também um grande incentivador da organização da CBB, do *Jornal Batista* e das juntas missionárias e da Casa Publicadora Batista. A influência de Ginsburg na música e hinologia batista foi enorme, sobretudo com *O Cantor Cristão* (PEREIRA, 1982, pág. 97).

2.3.4 William Edwin Entzminger

Filho de fazendeiro de ascendência holandesa, nascido em 25 de dezembro de 1859, na Carolina do Sul, Entzminger converteu-se e foi batizado aos doze anos de idade. Aos vinte foi consagrado ao ministério, pastoreando algumas igrejas americanas, inclusive durante o período em que cursava o Seminário Teológico Batista do Sul dos Estados Unidos, em Louisville. Foi o primeiro, e durante muitos anos o único missionário batista no Brasil com o título de doutor em teologia. Aos

trinta e um anos, após a leitura do folheto *A terra do Cruzeiro do Sul*, de autoria de Taylor, sentiu-se chamado para missões no Brasil. Casou-se com Maggie Griffith e seguiram para o Brasil, em 1891, chegando na Bahia, onde inicialmente auxiliou Taylor, mas acometido fortemente pela febre amarela e impaludismo, seguiram para Recife onde reorganizou a igreja em 1892 (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 100).

O ministério de Taylor caracterizou-se fortemente por sua contribuição literária. Pereira o considera “um dos grandes doutrinadores do povo batista brasileiro” (PEREIRA, *Op. cit.* pág. 101). Mas Crabtree (1962, pág. 112) afirma de Entzminger:

[Entzminger] teve a felicidade de fundar muitas igrejas e uma coisa notável é que todas elas prosperavam, porque era criterioso na organização das mesmas [...] Enquanto trabalhava na Casa Publicadora, fundou a Igreja do Méier e restabeleceu o trabalho em Niterói.

Exerceu enorme influência no início da formação teológica no Brasil, desde que iniciou sua classe de estudos teológicos e ministeriais para jovens promissores. Também foi ele quem acolheu e reconduziu Melo Lins ao ministério, o qual havia sido excluído da igreja em Maceió (MESQUITA, 1930, pág. 29).

A trajetória de Entzminger é marcada por lutas e perdas que provaram sua persistência: perda de dois filhos em Recife, febre amarela, impaludismo, hanseníase, enfermidade e morte da esposa, além das perseguições constantes (BARBOSA, 2006, pág. 33). Mas em tudo permaneceu firme, perseverando em cumprir o seu chamado missionário no Brasil.

2.3.5 Eurico Alfredo Nelson

Cognominado pelos batistas de “O Apóstolo da Amazônia” foi Eurico Nelson quem iniciou o trabalho batista nesta vasta região. Ele nasceu na Suécia, em 17 de dezembro de 1862. Sua família mudou-se para os Estados Unidos, estabelecendo-se

no estado de Kansas, no trabalho de campo, especialmente trabalhando com gado, e o menino Alfredo integrava-se perfeitamente a este tipo de vida. Converteu-se aos 14 anos e foi logo batizado. Como desde pequeno trabalhava, só frequentava as aulas da denominada escola primária quando era possível, por isso não completou o curso primário. Entretanto, essa deficiência era compensada pela leitura, pois o menino Eurico Alfredo era um leitor de todo material impresso que encontrava. Não somente lia, mas, também os guardava. Era autodidata (PEREIRA, 1945, pág. 16). Após um período de frieza espiritual, voltou-se para Cristo, aceitando o chamado missionário e decidiu que viria para o Brasil, depois de ler num jornal, em língua sueca, uma carta do missionário Bagby.

Em 19 de novembro de 1891 Nelson chegou a Belém, sem suporte financeiro de nenhuma igreja ou junta missionária. Veio por sua própria conta e risco. Empregou-se na Companhia de Vapores do Rio Amazonas e depois sustentou-se como vendedor de Bíblias. Nelson escreveu à sua noiva Ida, que deixara no Kansas, pedindo-a em casamento. Ela veio ao Brasil sozinha e casaram-se no mesmo dia em que desembarcou em Belém. O casamento foi celebrado em 7 de janeiro de 1893, pelo Cônsul americano, tendo outros seis cônsules estrangeiros como testemunhas (PEREIRA, 1982, pág. 102).

Nelson pregava, evangelizava, cuidava dos marinheiros doentes, vendia Bíblias e ganhou os primeiros convertidos. No dia 2 de fevereiro de 1897, nas águas do Rio Amazonas, o missionário Salomão Ginsburg, a convite de Nelson, batizou em Belém vários irmãos e na mesma data organizou a Igreja Batista de Belém. Em seguida, Ginsburg enviou Eurico Nelson a Pernambuco, onde estava Entzminger. No templo da Igreja Batista do Recife, em Concílio realizado no dia 4 de março de 1897,

composto dos pastores William Entzminger (presidente e examinador), Wandregesilo Melo Lins e Salomão Ginsburg (que pregou a mensagem) e do diácono Sabino, que fez a oração consagratória, foi Eurico Alfredo Nelson examinado e consagrado ao ministério pastoral (MESQUITA, 1930, p. 40). A partir de então a Junta de Richmond comprometeu-se a enviar-lhe um auxílio mensal e depois o nomeou como missionário (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 103).

Os resultados do trabalho de Eurico Nelson são mensurados pelas igrejas plantadas no Pará, Amazonas, Rondônia, Maranhão, Piauí, Ceará, chegando até Iquitos no Peru. Quando faleceu, em 17 de maio de 1939, aos 76 anos, dos quais quarenta e oito dedicados ao Brasil, o presidente da Junta de Richmond declarou: “nenhum outro missionário de nossa Junta foi tão abnegado no serviço sacrificial” (apud PEREIRA, 1982, pág. 103).

2.3.6 Loren Reno

Reno nasceu em 17 de junho de 1872 em New Castle, Pennsylvania, e chegou ao Brasil em outubro de 1904. Fazia parte de uma leva posterior de missionários, que já encontrou o trabalho batista iniciado no Estado do Espírito Santo, desde que em 1892 Bagby enviara o evangelista José Alves à cidade de Vitória. Depois o próprio Bagby ali fizera incursões evangelísticas. Converteram-se alguns que se tornaram evangelistas locais, e outros evangelistas vieram da Bahia, como a senhora Achimínia Barreto e o irmão Francisco José da Silva. O missionário Ernesto Jackson viajou ao Espírito Santo em 1902 e verificou os frutos do trabalho do evangelista Francisco, mesmo em meio a duras perseguições. Em 1903 foram organizadas as igrejas em Vitória, Firme e Afonso Cláudio, sendo o irmão Francisco consagrado ao ministério e eleito pastor das igrejas. O trabalho de Francisco estende-se aos interiores de todo o

estado, abrindo frentes de trabalho, pontos de pregação e igrejas (CRABTREE, 1962, pág. 249-257).

Quando Reno chegou ao Brasil, o trabalho no Espírito Santo já estava iniciado, porém muito insipiente. Havia duas ou três igrejas e mais alguns pontos de pregação, que se reuniam debaixo de uma cobertura de sapê com paredes e chão de barro, que somavam, em todo o Estado, menos de 150 pessoas. Mas eram homens e mulheres muito consagrados, ousados e corajosos, que enfrentavam a perseguição e sonhavam com a expansão missionária em terras capixabas, e que receberam o casal missionário com muito acolhimento e disposição de servir (CRABTREE, *Op. cit.*, pág. 257).

Por causa da perseguição, Reno travou batalhas com o governo sobre a liberdade de culto, um cemitério laico, o direito de construir templos, o que foi marcante para a consolidação da democracia republicana brasileira, além de seu empenho na educação, com a organização do Colégio Americano Batista. Isso fez o seu trabalho expressivo e relevante diante das altas camadas da sociedade capixaba (PEREIRA, 1982, pág. 103). Reno plantou igrejas em todo o estado e em 1924 já eram vinte e oito igrejas plantadas, lançando profundas raízes da visão missionária em todo o campo (RENO, 2007, pág. 119).

2.3.7 Outros pioneiros

J.J. Taylor nasceu em 19 de novembro de 1855, no Alabama e chegou ao Brasil em 1891. Seu trabalho foi extremamente importante e frutífero em São Paulo, tanto na plantação de igrejas como também na educação teológica (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 103-106).

Charles Daniel passou curta temporada missionária no Brasil – por conta de problemas de saúde, no final da década de 1880, mas contribuiu para o início de

algumas igrejas e sobretudo na formação do ideal missionário e evangelístico (CRABTREE, 1962, pág. 85). A reorganização da igreja de Recife recebeu importante influência deste missionário.

A.B. Christie dedicou-se ao campo fluminense, realizado extraordinária expansão naquele que é hoje o mais próspero campo batista no Brasil. Excelente doutrinador, administrador e treinador, orientou e encorajou os obreiros nacionais na liderança das igrejas, implementando intenso ritmo de crescimento e multiplicação de igreja (FERREIRA, 1959, pág. 189).

A.L. Dustan realizou expressivo trabalho de plantação e organização de igrejas em São Paulo e Rio Grande do Sul (SEITZ, _____, pág. 3). Soube envolver outros imigrantes estrangeiros na evangelização de brasileiros e plantação de igrejas.

3 PRINCÍPIOS DE PLANTAÇÃO DE IGREJA OBSERVADOS NA AÇÃO DOS PIONEIROS

Ao observar a história dos pioneiros e sua atuação na plantação de igrejas batistas no Brasil, faz-se necessário atentar para alguns princípios que estavam presentes na ação daqueles pioneiros e que viabilizaram o êxito de seu trabalho. Tais princípios serão úteis para plantadores de igrejas no Século XXI.

3.1 FORTE INTENCIONALIDADE NA PLANTAÇÃO DE IGREJAS

Os missionários pioneiros entendiam que precisavam alcançar a população brasileira com a mensagem do evangelho, influenciando-a definitiva e permanentemente. Para Brandão (2014, pág. 93):

A plantação de igrejas é uma marca significativa na história e expansão dos batistas no Brasil. Desde quando os pioneiros americanos iniciaram as primeiras igrejas em solo brasileiro (e lá se vão mais de 140 anos), o foco na plantação tem solidificado o avanço da obra missionária e o crescimento das igrejas.

Lidório (2007, pág. 12) afirma que “não há forma mais duradoura de se estabelecer o evangelho em um bairro, cidade, clã ou tribo do que plantando uma igreja local, bíblica, viva, contextualizada e missionária”. Brandão (*Op. cit.*, pág. 94) também diz que “se queremos que o evangelho esteja permanentemente enraizado numa cidade ou bairro, precisamos não só de alguns poucos discípulos ali, mas de uma igreja local capaz de se multiplicar”. Para Hiebert (apud LIDÓRIO, 2007, pág. 44):

Tenho argumentado que o plantio de igrejas é peça fundamental na *Missio Dei*. Sem o plantio de novas igrejas o propósito de Deus não é realizado na terra. A transformação da sociedade na direção de Deus ocorre através da sua agência, a Igreja, e assim comunidades locais de convertidos são a maior expressão de sua presença e seu desejo transformador.

O pleno e cabal cumprimento da Grande Comissão necessariamente inclui a plantação de igrejas, como modo de perpetuidade e enraizamento da mensagem e do

impacto do evangelho na cultura de um povo, para as gerações seguintes (CARLTON, 2006, pág. 14). Os pioneiros batistas no Brasil tinham exatamente essa percepção da importância de enraizar permanentemente o evangelho no Brasil por meio da plantação de igrejas.

Desde que chegaram ao Brasil, Bagby e Taylor puseram-se a estudar as necessidades do país a fim de escolherem o melhor lugar para deitarem os alicerces do trabalho. Buscavam, em oração, a direção divina de onde começar plantando igrejas. Após considerarem São Paulo, Minas Gerais e os estados do Sul do Brasil, optaram por plantar a igreja em Salvador, e desta forma estabelecer o marco pioneiro da evangelização do Brasil (HARRINSON, 1987, pág. 32). De Salvador, logo espalharam-se para o Rio de Janeiro, Recife, Maceió, interior da Bahia, São Paulo, norte fluminense, Amazônia, Espírito Santo e assim chegando em todos os cantos do país, sempre repetindo a mesma e única estratégia: plantação de igrejas (AMARAL, 2001, pág. 17).

Esta ênfase intencional na plantação de igrejas é uma característica muito marcante na personalidade e na estratégia de ação dos pioneiros, que também dedicaram muitos esforços na educação, na imprensa, na música, em obras sociais, na formação teológica, mas tudo isso estava voltado para servir à estratégia principal de plantação de igrejas locais (MEIN, 1982, pág. 82). É interessante a afirmação de Anne Bagby acerca da função e propósitos principais do Colégio Americano Batista em São Paulo: “Quando esta instituição deixar de ganhar almas para ti, Senhor, deixe-a morrer” (HARRINTON, *Op. cit.*, pág. 66).

A declaração de Salomão Ginsburg (1970, pág. 51), plantador de dezenas de igrejas, é bastante significativa:

Verifiquei então que o plano apostólico de evangelizar um lugar era ficar ali até organizar uma igreja. Este é o único meio de fazer o trabalho do Mestre com eficiência.

Tendo a ênfase na plantação de igreja como forma de cumprimento da Grande Comissão, eles precisavam plantar igrejas locais e autônomas, o mais contextualizadas possível. E foi assim que fizeram. Não perderam o foco com ações acessórias (mesmo que importantíssimas), mas canalizaram todas as energias na plantação de igrejas de modo intencional, organizado e planejado. Nem mesmo o pastoreio das igrejas que plantavam enchia-lhes os olhos. Logo preparavam alguém para assumir aquela função e se desembaraçarem para o plantio de novas igrejas. É emblemática a declaração de Bagby:

Os membros desta Missão estão convencidos de que o principal trabalho do missionário estrangeiro não é permanecer em um ou dois lugares e trabalhar aí exclusivamente ou principalmente, mas, sim, pregar o evangelho em muitos campos, fixando residência em certos centros, talvez, mas viajando nós mesmos de lugar em lugar e pregando. Não sentimos que Deus nos tenha enviado ao Brasil para sermos pastor tanto quanto missionários e evangelistas. Se nos tornamos, temporariamente, pastores das igrejas que organizamos, consideramos isso não nossa primária, mas sim, secundária tarefa. Nossa obra primária deverá ser sempre distintivamente missionária e evangelizadora (apud PEREIRA, 1982, pág. 92).

Outro aspecto importante era o conceito que tinham os pioneiros do que é plantar igrejas. Apesar de dedicarem-se algumas vezes, por reconhecida necessidade, à tarefa de construir templos, não era assim que entendiam a plantação de igrejas. Ginsburg, por exemplo, construiu o templo da Primeira Igreja Batista de Campos, o primeiro templo batista no Brasil (FERREIRA, 2001, pág. 64), mas plantou dezenas de outras igrejas em que se estabeleceram nas casas, e só foram adquirir seu templo muitos anos depois, por iniciativa dos crentes brasileiros.

A forte ênfase na plantação de igrejas é verificada quando as igrejas plantadas, tipicamente batistas - locais e autônomas - foram logo passadas à liderança nacional,

mas não deixaram a visão e paixão pela plantação de novas igrejas, o que permitiu o movimento de multiplicação (GARRISON, 1999, pág. 7). A rápida multiplicação de igrejas num curto espaço de tempo, a despeito de todas as dificuldades, perseguições falta de estruturas, demonstra a forte intencionalidade dos missionários pioneiros na plantação de igrejas (AMARAL, 2001, pág. 21).

3.2 ESCOLHA DE CIDADES ESTRATÉGICAS

Os locais em que os missionários iniciavam igrejas eram sempre polos estratégicos de desenvolvimento econômico, cultural, comercial e de influência regional. Isso se vê isso muito claramente quando escolhem começar por Salvador, Bahia. Harrison relata que logo após a chegada do segundo casal, Bagby e Taylor foram a Minas Gerais, um estado central, para estudar as necessidades do país e escolherem um melhor lugar para deitarem os alicerces do trabalho (HARRISON, 1987, pág. 32). Ainda na fase de decisão e escolha de um campo estratégico para o início do trabalho Bagby descreve, em uma carta à Junta de Richmond, a enormidade da tarefa, a vastidão do império e as necessidades de missionários em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Queriam eles identificar as melhores oportunidades de otimização dos recursos e alcance do evangelho a partir de um ponto estratégico (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 32).

Finalmente escolheram começar por Salvador, Bahia. As considerações que determinaram a decisão pela antiga capital do império foram apresentadas por Bagby e incorporadas no relatório da Junta de Richmond:

Cremos que o melhor lugar para principiar é a Bahia. Com exceção do Rio de Janeiro, é a maior cidade do Império. Escolhemos a Bahia por diversas razões: Primeiro, pela sua grande população, sendo o número de habitantes mais o menos 200.000. Encontramos ali as massas do povo ao alcance imediato. Segundo, a região que cerca a cidade é muito povoada. É campo de lavoura e mui produtivo. A população é mais sedentária que a de vida

pastoril. Terceiro, é ligada pelo mar com outros pontos importantes; por baías e rios com grandes cidades e vilas e por duas linhas de estrada de ferro com muitos lugares no interior. Quarto, teremos também na Bahia um campo quase desocupado, enquanto no Rio se acham seis ou oito missionários de outras denominações evangélicas. Na Bahia há dois apenas e estes dos Presbiterianos no Norte dos Estados Unidos. Não há qualquer obreiro nacional na província da Bahia, se não nos enganamos, enquanto que nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, há um bom número de missionários e obreiros nacionais. Assim, a Bahia, com a região em redor, está mais necessitada do que as províncias do sul (apud CRABTREE, 1962, pág. 74).

Percebe-se claramente, nas argumentações de Bagby, que a escolha da Bahia para o início do trabalho missionário dos batistas no Brasil não aconteceu aleatória ou ocasionalmente. Havia estudos, pesquisas, discussões, relatórios, oração e planejamento para se alcançar o máximo possível de pessoas com o evangelho.

Após o início na Bahia, quando planeja transferir-se para outro campo estratégico, Bagby escreve em carta ao seu sogro:

Cremos que devemos ocupar outro grande centro, o Rio de Janeiro ou Pará, e estamos preparando um relatório para a Junta sobre o assunto (...) Estamos trabalhando para o futuro, tanto quanto para o presente, e devemos nos estabelecer nos centros já (apud HARRISON, 1987, pág. 40).

É preciso destacar a intencionalidade de Bagby em ocupar grandes centros urbanos, e que isto ocupava estrategicamente seus pensamentos em pesquisas, discussões, relatórios e avaliações. Ainda sobre a ida de Bagby ao Rio de Janeiro escreve Pereira (1982, pág. 86):

O Rio de Janeiro, então com mais de meio milhão de habitantes, era não só a capital do Império, mas também a maior cidade do Brasil. Bagby sentia o peso de sua responsabilidade ao iniciar uma igreja em cidade tão grande. São constantes seus pedidos à Junta de Richmond para que lhe mande colaboradores. Mesmo porque ele via o Rio não apenas como seu campo de ação, mas como um centro irradiador da mensagem evangélica para as províncias do Rio e de Minas Gerais.

Crabtree destaca a insistência dos missionários em argumentar com a Junta de Richmond sobre a importância estratégica da abertura de uma missão no Rio de Janeiro (CRABTREE, 1962, pág. 80). Escrevendo uma carta onde revela o desejo de

abrir novos campos, Bagby faz uma exposição de motivos que justificavam o início do trabalho em Campos:

A cidade está no meio de uma região rica e populosa e dada à agricultura, sendo a maior no estado, fora a capital, e circundada por cinco ou seis cidades grandes e um bom número de lugares menores. Seria um esplêndido centro missionário para a metade do Estado do Rio, com mais de um milhão de habitantes, todo o Estado do Espírito Santo, não ocupado por nenhum outro obreiro de qualquer denominação, e toda a parte oriental de Minas, também completamente desocupada. Nossos corações estão cheios de esperança por este grande campo (apud HARRISON, 1987, pág. 53).

A cidade de Niterói, a capital do estado do Rio de Janeiro, então com 30 mil habitantes, já chamava a atenção de Bagby. Auxiliado por Tomaz, Soren e Theodoro, seus jovens convertidos, mantinha seis pontos de pregação na cidade do Rio e um no outro lado da baía, em Niterói (*Op. cit.*, pág. 54).

Mais tarde, em 1908, Bagby escreveu sobre São Paulo:

Creemos que os batistas americanos não reconheceram a importância estratégica deste campo. Da capital deste Estado como centro, seis grandes linhas de estradas de ferro se estendem aos vastos Estados do interior de Goiás e Mato Grosso, para o sul, a Paraná e Rio Grande, para o leste, a Minas Gerais e Rio de Janeiro, e para o sudeste em direção ao mar. São Paulo é o portão para todo o sudoeste do Brasil, e esta é a mais próspera, progressiva e prometedora parte de toda a América do Sul. São Paulo também é o centro educacional e literário de todo o Brasil, bem como a capital comercial do sudoeste. Nós devemos possuir um elemento forte missionário nesta fortaleza (*Op. cit.*, pág. 70).

A partir destas leituras é possível destacar alguns critérios utilizados pelos pioneiros para o início em Salvador. Os mesmos critérios foram observados ainda em cada expansão do trabalho missionário.

O primeiro, e talvez o mais importante, é o critério demográfico. Bagby e Taylor pesquisaram e compararam a população de Salvador com outras capitais, e o que os impulsionou àquela cidade era o fato de que encontrariam ali mais ou menos 200.000 habitantes, isto é, “massas do povo ao alcance imediato”. Ao citar as carências de outros estados, ainda na sua fase pesquisas iniciais em Campinas, Bagby

menciona que “Minas Gerais, ao norte desta província (São Paulo), com 2 milhões de almas, está completamente sem testemunho cristão” (HARRISON, 1987, pág. 32). A mudança de Bagby, mais tarde para a capital, foi fundamentada, em grande parte, pelo fato de ter capital federal meio milhão de habitantes (PEREIRA, 1982, pág. 86).

As igrejas plantadas em lugares escolhidos criteriosamente espalhavam-se por cidades menores ao redor, e até nas zonas rurais. É importante ressaltar que, naquele tempo, a maciça maioria da população morava na zona rural. A partir daquela cidade base as igrejas se estabeleciam por toda uma região.

O segundo critério dos pioneiros na escolha de cidades estratégicas diz respeito aos fatores socioeconômicos. Isto pode ser facilmente observado nas observações de Bagby sobre o trabalho, a cultura e economia de Salvador, ou mais tarde em sua carta sobre São Paulo, e mais especificamente na sua insistência para abertura de uma missão no Rio de Janeiro, capital política, econômica e cultural da época. Na carta onde justifica o trabalho em Campos, Bagby destaca que “a cidade está no meio de uma região rica e populosa e dada à agricultura” (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 53).

Um terceiro critério é o missiológico, isto é, diante da enormidade da tarefa e dos poucos obreiros e recursos disponíveis, os pioneiros levaram em conta onde estavam os missionários e obreiros nacionais de outras denominações, a fim de anunciar Cristo aos não alcançados. Priorizaram onde não havia nenhum trabalho evangélico. Não quiseram edificar sobre fundamento alheio.

Outro critério, largamente utilizado e de sumo importância, diz respeito à logística. Os pioneiros levaram em conta estabelecer igrejas em cidades que tivessem acesso estratégico a outras cidades e povoados, fosse este acesso pelo mar, rios,

estradas ou linhas férreas. Foi assim que Eurico Nelson plantou dezenas de igrejas às margens dos rios e igarapés na Amazônia, Ginsburg seguiu as estradas de ferro no norte fluminense, Bagby plantou várias igrejas ao longo da linha férrea no Rio de Janeiro e Taylor viajou pelas estradas e rios para plantar igrejas nos interiores da Bahia.

Quando se observa hoje a influência e relevância daquelas primeiras igrejas plantadas pelos pioneiros, verifica-se que seu cuidado e critérios confirmaram-se perfeitamente. As igrejas plantadas por eles são hoje fortes, influentes e relevantes para o cenário nacional.

3.3 ENVOLVIMENTO COM O POVO

Os missionários pioneiros procuraram estar próximos do povo a fim de interagir e criar vínculos de relacionamento. Faziam grande esforço em aprender a língua e a cultura para se envolverem com as pessoas. Isso foi uma marca de todos os pioneiros e que viabilizou o rápido crescimento de igrejas autóctones. Loren Reno (2007, pág. 33) diz que:

Desde o início, eu ia ao mercado fazer compras. Eu me misturava com as pessoas na rua, no mercado e onde mais eu pudesse. Nós ficávamos, antes e depois dos cultos, com os crentes e os convidávamos para reuniões antes que pudéssemos visitá-los. Aprendemos a língua o suficiente para fazer-nos entendidos de alguma forma, mas, acima de tudo, nós aprendemos a conhecer as pessoas e amá-las.

Harrison (1987, pág. 35) cita um relatório enviado por Taylor acerca do início do trabalho em Salvador quando, após três meses do início do trabalho, diminuí a curiosidade do povo em ouvir os pregadores americanos e o testemunho do ex-padre, e uma nova estratégia de contato teve de se posta em ação:

Eles não nos procuravam, portanto nós precisávamos procura-los. Concordamos, então, por um Novo Testamento no bolso e sair pelas ruas, entrar nas lojas ou em qualquer lugar onde pudéssemos achar alguém disposto a ouvir. Conseguimos interessar a muitos dessa maneira e pouco a

pouco nosso pequeno salão começou a encher-se de novo. Isto nos ensinou uma lição, exatamente quando dela precisávamos: que o povo deveria ser salvo individualmente, e não em massa.

A leitura das biografias, dos relatos de amizades firmemente estabelecidas, de cartas e relatórios onde demonstram enorme apego às pessoas, mostra que havia uma intencionalidade da parte dos missionários pioneiros em estabelecer relacionamentos com o povo, tanto crentes como, especialmente, não crentes. Falando de seus amigos e companheiros, Ginsburg cita com enorme afeto o nome de vários brasileiros como Joaquim Fernandes Lessa, Adrião Bernardes, Manoel Avelino de Souza, Manoel da Paz, Augusto Filipe, Manoel Tertuliano Cerqueira, Orlando Falcão, Francisco F. Soren, Theodoro e Thomaz da Costa, Paranaguá e Miranda Pinto (GINSBURG, 1970, pág. 173-199). Aqueles relacionamentos tornaram-se em verdadeiro discipulado, investimento de vida na vida e formação de líderes que posteriormente assumiriam a liderança das igrejas.

3.4 ÊNFASE NA EVANGELIZAÇÃO

Muito embora os pioneiros desenvolvessem ações de cunho social e educacional, o que será destacado mais adiante, é notório que sua ênfase missionária estava no cumprimento do mandato evangelístico. Crabtree (1967, pág. 75) diz que:

Além da propaganda feita nas pregações, pela imprensa e pregações ao ar livre, ainda pelas visitas pessoais, chegaram a reconhecer o grande valor da evangelização pessoal [...] Animados pelo êxito do trabalho pessoal em casa, saíra para pregar o evangelho pessoalmente pelas ruas a quantos ouvintes pudessem achar.

Harrison (1987, pág. 70) cita trecho de carta escrita por Bagby onde ele diz:

O trabalho na cidade consiste em departamentos evangelístico, educacional e distribuição de Bíblias. Antes de tudo dependemos da pregação pública do evangelho, para ganhar homens para Cristo, e nunca pretendemos negligenciar isso e favor de qualquer outra atividade.

Pereira (1982, pág. 107-108), avaliando a influência dos pioneiros sobre os batistas brasileiros, destaca em primeiro lugar o amor pela evangelização:

Em todos eles, essa era a preocupação principal. Parecia não verem outra coisa. E mesmo quando trataram do preparo de jovens para o pastorado, o que visavam era formar evangelizadores que pudessem ajudar na grande conquista de almas. Zacarias Taylor, embrenhando-se nos sertões da Bahia; Salomão Ginsburg, arrostando perseguições no Estado do Rio e em Pernambuco; Eurico Nelson, nas ruas de Belém do Pará, dominando, com a voz estentóricia, a zoadada dos arruaceiros, são evangelizadores ansiosos de ganhar almas, cada um deles sentindo vivamente o ‘ai de mim se não anunciar o evangelho’ do apóstolo Paulo. Com isso eles tornaram claro que um pastor deve notabilizar-se pelo amor às almas perdidas e deve, pelo exemplo, influenciar os crentes, para que sintam também a responsabilidade de evangelizar.

Mein (1982, pág. 26) declara que desde o início os pioneiros usaram o método da evangelização pessoal, de casa em casa. A influência dos métodos do Segundo Avivamento sobre os pioneiros pode ser notada na realização de cultos públicos, ao ar livre, série de conferências, divulgação evangelísticas nos jornais e principalmente a prática do apelo.

Reno destaca em sua autobiografia que mesmo enquanto ele e sua esposa dedicavam-se às tarefas de educação em Vitória “ocasionalmente, nós podíamos ensinar o evangelho nesse trabalho, pois nunca esquecemos que salvar almas é nossa missão, e tudo mais funcionava como um meio para esse fim” (RENO, 2007, pág. 47).

3.5 INVESTIMENTO NA FORMAÇÃO DE LÍDERES LOCAIS

É muito interessante e importante a visão dos pioneiros em descobrir, formar e desenvolver líderes nacionais, capazes de levar adiante a obra missionária e de plantação de igrejas. Pereira afirma que todos eles procuraram manter classes bíblico-teológicas, em que procuravam ministrar a jovens convertidos as noções básicas para se tornarem pregadores e, eventualmente, pastores. Nessas classes se formaram obreiros que, mais tarde, foram notáveis líderes nacionais, tais como João Gualberto Batista, FF Soren, Emílio Kerr, Pedro Falcão, José Nigro, entre outros (PEREIRA,

1982, pág. 109).

Oliveira diz que “em várias partes do Brasil, os missionários se dedicaram ao preparo de jovens ‘promissores’, criando classes em suas próprias residências, para o ensino de Bíblia, doutrina, pregação, evangelização e outras disciplinas práticas” (OLIVEIRA, 2002, pág. 21). Numa carta escrita à Junta de Richmond, Taylor expressa: “estou estudando um plano pelo qual as nossas nove igrejas sem cuidado pastoral possam ter seus próprios pastores” sendo que tais planos incluíam “que se peça e encoraje as igrejas a enviarem todos os anos um ou mais membros para estudar a Bíblia comigo, assim preparando-se para o trabalho pastoral” (CRABTREE, 1962, pág. 137).

O mesmo acontecia com Bagby, Entzminger e Ginsburg, que recebiam, todos os anos, rapazes vindos das igrejas para estar com eles, em suas próprias casas, a fim de estudar a Bíblia e se prepararem para o ministério. Dessas escolas pastorais nas casas dos missionários nasceu a ideia de se organizar seminários, visando ao preparo de obreiros nacionais.

É bastante interessante a declaração de Ginsburg sobre esse assunto:

Uma necessidade urgentíssima é um educandário para o treinamento de jovens nacionais para o ministério. O nosso trabalho neste país nunca pode ser estabelecido em bases próprias até que tenhamos as facilidades para adquirir um ministério competente entre os brasileiros. [...] Mais uma vez chamo a atenção dos irmãos ao importantíssimo assunto da educação de um ministério nacional. Irmãos, se o Brasil há de ser convertido, será conseguido pelos brasileiros. Vamos, portanto, preparar os nossos homens, para que no futuro eles possam tomar os nossos lugares [...] Olhemos para o futuro. Não somos imortais e a Junta não pode enviar os missionários estrangeiros para todos o sempre (CRABTREE, 1962, pág. 173).

Ginsburg (1970, pág. 174) afirma em sua autobiografia:

Uma das grandes alegrias da vida de um missionário é guiar muitos a nosso Senhor Jesus Cristo. Mas sua alegria cresce quando alguns dos seus filhos e filhas na fé se tornam obreiros na vinha do Mestre. Naturalmente, o missionário tem de estar nesta expectativa, e deve guia-los com cuidado e precaução para o caminho do dever, e dar-lhes a necessária instrução [...]

Felizmente, nós temos agora no Brasil instituições onde os jovens, rapazes e meninos, se podem treinar no serviço do Mestre, e preparar-se para maior utilidade. Cada missionário no campo tem tido o prazer de guiar não poucos rapazes para a grande instituição, na qual, depois de alguns anos de estudo, preparam-se para servir melhor ao Senhor. Desejo mencionar alguns daqueles que hoje estão fazendo história nas fileiras batistas no Brasil, e que foi honra minha não somente guia-los a Jesus, mas também no caminho de utilidade e serviço. Esses casos ilustram bastante os métodos de trabalho que estamos usando e que nos animam a esperar um futuro para os batistas nesta vasta república sul-americana.

É importante destacar que Ginsburg falava da grande alegria da vida de um missionário, referindo-se à formação de pastores e missionários nacionais, guiando-os com cuidado e preocupação, dando as instruções necessárias. Ele concluiu o texto afirmando ser este o método utilizado pelos missionários pioneiros no Brasil.

A seguir, Ginsburg passa a mencionar alguns destes ilustres pastores nacionais formados pelos pioneiros: Joaquim Fernandes Lessa, de quem diz: “na maioria das minhas viagens de evangelização eu o levava comigo, e comecei a ensinar-lhe como estudar a Bíblia, como analisar o texto e como preparar pequenos sermões” (GINSBURG, 1970, pág. 176); Adrião Bernardes; Manoel Avelino de Souza; Manoel da Paz; Augusto Felipe Santiago; Manoel Tertuliano Cerqueira e Orlando Falcão (GINSBURG, *Op. cit.*, pág. 174-186).

Merece destaque o fato de que o primeiro brasileiro convertido pela ação dos pioneiros foi João Gualberto Batista, na Bahia, e ele se tornou o segundo pastor batista brasileiro (o primeiro fora Antônio Teixeira de Albuquerque). Sua formação foi intensa e ele foi consagrado poucos anos após sua conversão.

A valorização dos evangelistas foi outro ponto forte dos pioneiros. Encorajavam colportores, pregadores, evangelistas chamados “leigos”. Isso permitiu o rápido avanço do trabalho em todos os campos, multiplicando a ação. Além disso, muitos evangelistas tornaram-se depois pastores e missionários. Harrison (1997, pág.

54) cita que seu pai, Bagby, auxiliado por Tomaz, Soren e Theodoro, seus jovens convertidos, mantiveram seis pontos de pregação na cidade do Rio e um no outro lado da baía, em Niterói, e acrescenta:

Como resultado do crescimento contínuo da Primeira Igreja Batista do Rio e com o desenvolvimento de seus membros, papai confiava seu rebanho periodicamente aos novos líderes nacionais e estendia seus esforços para além, viajando a grande parte do sul do país.

A.B. Christie, missionário que atuou no campo fluminense, refere-se numa carta escrita à Junta de Richmond, a um jovem que ele batizara poucos anos antes, e que agora era pastor de uma das maiores e mais influentes igrejas batistas do estado:

Em 1909, no subúrbio da cidade de Pádua, eu batizei um jovem, um mero rapaz se tornando homem. Ele se chamava Salvador Borges. Há alguns meses, trinta anos depois da cena daquele batismo, eu visitei a Igreja Batista em Tabua. Passei um sábado e um domingo lá com o Pastor Salvador, não mais o menino que eu batizei. Eu fiquei impressionado com a mudança que ele teve, e mais ainda pela mudança que ele operara naquela comunidade.

Cerca de vinte anos atrás ele havia começado a pregar em Tabua. O trabalho cresceu, e ele foi ordenado ao ministério. Essa comunidade era Batista em pensamento e em espírito. A igreja tinha crescido para aproximadamente quatrocentos membros. [...] Ela nunca teve um pastor missionário. A Missão nunca investiu um centavo nessa igreja. Ela paga o seu pastor, contribui para o Plano Cooperativo e para todas as missões, ela levantou seu próprio prédio e clama pelos seus membros, pelos pobres e pelos doentes, e Salvador é o salvador deles.

Reno (2007, pág. 61) diz sobre Almir dos Santos Gonçalves:

Eu estava procurando um garoto para me ajudar no escritório e, também, para ser treinado no trabalho, quando encontrei Almir. Eu achei que ele seria esse garoto e o convidei para vir à nossa casa e trabalhar no escritório. Ele aceitou. O primeiro passo era conseguir para ele um professor de português. Eu ensinei a ele outras áreas, como também Bíblia e teologia. [...] Seu seminário era meu escritório. Ele estudou comigo e trabalhou comigo até que conhecesse o campo e os obreiros tão bem quanto eu.

3.6 IGREJAS LOCAIS COM ESTRUTURAS SIMPLES E FOCO NA MISSÃO

Os missionários organizaram a primeira igreja em Salvador com apenas cinco membros, dos quais quatro eram missionários americanos. Não tinham templo nem outras estruturas tidas hoje como essenciais e indispensáveis. Os recursos eram poucos

e os desafios enormes. Mas aquela igreja cresceu, se fortaleceu e se multiplicou, contrariando talvez a expectativa de muitos hoje em dia.

O mesmo aconteceu no Rio de Janeiro, quando a igreja foi organizada com quatro membros: um casal americano, outra missionária e uma inglesa, dona da casa. Nada de templo, mobílias, instrumentos ou adereços para o culto. Aquela igreja também se firmou, se fortaleceu e se multiplicou, sendo mãe de muitas outras e por muitas décadas a maior igreja batista da América Latina. Essa mesma estrutura simples de uma igreja focada em fazer discípulos e não em patrimônio ou estrutura eclesiástica foi o padrão que se repetiu, com extremo sucesso, em quase todos os casos de plantação de igrejas pelos pioneiros.

Falando sobre a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, Azevedo (1988, pág. 34) escreve:

Não houve preocupação em institucionalizar a Igreja. Diante de situações específicas, eram escolhidas comissões de duração e atuação determinadas. A única organização a ter vida própria foi a Caixa dos Pobres, cuja direção era composta apenas de um tesoureiro.

As igrejas que Ginsburg organizou no norte Fluminense e no Pernambuco tinham, todas elas, uma estrutura bastante simples em seus primeiros anos (GINSBURG, 1970, pág. 105) e não tinham templo, nem mobílias, nem estruturas organizacionais complexas. O mesmo aconteceu em Goiás, Bahia e no então Distrito Federal. Ginsburg deixava-as ainda muito insipientes e rumava a novos campos, mas não sem antes estabelecer líderes locais capazes de continuar e expandir o trabalho. Surpreendentemente aquelas igrejas de poucos recursos e nenhuma estrutura se firmaram, cresceram e se multiplicaram, estando ainda hoje entre as mais importantes e influentes igrejas batistas no Brasil.

As igrejas plantadas por Nelson na Amazônia tinham ainda menos estruturas,

devido às carências da região. Anos mais tarde, todas elas vieram a ter seus templos e estruturas físicas e organizacionais, mas a preocupação do pioneiro era sempre com a plantação da igreja em si, os discípulos de Cristo, deixando para estes a responsabilidade de estruturação das igrejas enquanto coletividade (CRABTREE, 1962, pág. 199).

3.7 ENVOLVIMENTO IMEDIATO DOS CONVERTIDOS NA EVANGELIZAÇÃO

É interessante destacar também que os convertidos eram imediatamente envolvidos no trabalho da evangelização de seus parentes, amigos, vizinhos e até em outros lugares, atuando como evangelistas, colportores e pregadores. O primeiro homem levado a Cristo pelos missionários pioneiros foi João Gualberto Batista, latoeiro em Salvador, que tão logo se converteu envolveu-se no trabalho com Taylor e, conquanto fosse homem de pouca instrução formal, foi consagrado como pastor pouco tempo depois. Dele diz Crabtree (1962, pág. 76):

Zeloso, consagrado e fiel, serviu à Causa do Mestre na pregação do evangelho até à morte. Este homem de Deus não tinha muito preparo, mas a beleza do seu caráter cristão e sua mensagem simples, sincera e espiritual soava muito longe no Estado da Bahia nos dias em que poucos eram os que anunciavam as Boas novas.

No Rio de Janeiro há vários exemplos de envolvimento imediato de novos convertidos no ministério, o que foi um fator fundamental para a expansão missionária da igreja. L.C. Irvine, Thomaz L. Costa, Theodoro R. Teixeira e Francisco Fulgêncio Soren, são alguns dos novos crentes que já assumiram funções na igreja (AZEVEDO, 1988, pág. 23).

Em abril de 1889, a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro indica o irmão Domingos Joaquim de Oliveira para o cargo de colportor, com o salário de 51 mil réis (AZEVEDO, *Op. cit.*, pág. 27). Em julho do mesmo ano Domingos passa a morar em

Campos, e como resultado de seu trabalho de pregador e evangelista, a igreja é organizada naquela cidade em março de 1891. Logo depois Domingos segue para Juiz de Fora/MG para iniciar o trabalho batista naquela cidade (FERREIRA, 2001, pág. 47). É interessante que Bagby envolveu Domingos imediatamente após sua conversão e em pouco tempo o enviou a um campo virgem, mas continuava mentoreando e acompanhando o seu trabalho com visitas periódicas (FERREIRA, 2001, pág. 48).

Referindo-se aos novos crentes brasileiros, Reno (2007, pág. 36) diz com entusiasmos que “os membros tinham zelo e coragem para trabalhar, e o evangelismo pessoal era seu ponto forte. Nenhuma perseguição poderia amedrontá-los. Nenhuma ameaça poderia fazê-los perder a paz”.

Ginsburg parece ser o campeão neste quesito, posto que os novos convertidos eram encarregados da liderança da igreja, haja vista que ele plantava igrejas em vários lugares ao mesmo tempo. Em sua autobiografia, Ginsburg (1970, pág. 106) cita um episódio interessante:

Depois de muita oração, resolvi remover uma família crente de Campos para Macaé, cujos parentes residiam ali. Esse irmão chamava-se Antônio Maia, era tanoeiro e agora um bom pregador do evangelho. Havia sido experimentado, provando uma fé robusta e que era cristão fervoroso. Aluguei-lhe uma casa em Macaé, onde ele podia não só trabalhar em seu ofício, como também ter a casa para morar com sua grande família e usar uma sala para a pregação.

Nelson agia da mesma maneira, envolvendo imediatamente os novos convertidos na obra de evangelização, o que proporcionou descomunal crescimento do evangelho em toda a Amazônia. Sendo ele mesmo um evangelista nato, sem estudos formais, e que veio sem ordenação pastoral ou apoio de junta missionária para o Brasil, Nelson investiu de autoridade homens leigos que serviam como colportores e pregadores itinerantes, que espalharam as boas novas do evangelho por toda a

Amazônia (PEREIRA, 1945, pág. 43).

Crabtree (1962, pág. 316) faz esclarecedora conclusão:

No primeiro quarto de século os batistas dedicavam-se quase que exclusivamente à evangelização. Pela palavra oral ou impressa, proclamavam a mensagem de Boas Novas. Era o método lógico e natural no princípio, quando havia poucas igrejas que exigiam pastores e número reduzido de batistas que necessitavam de treinamento. Ficando imbuídos da paixão de evangelizar, os obreiros sonhavam principalmente com planos de alcançar o maior número possível de pecadores com sua mensagem. Fizeram uma obra gigantesca, fazendo longas e penosas viagens para pregar o evangelho e semear vastos territórios com a literatura evangélica.

Sempre ensinavam a responsabilidade da evangelização pessoal, insistindo em que todos os membros de uma igreja estão espiritualmente incumbidos de anunciar. É um princípio reforçado pela prática apostólica e tem sido uma das forças poderosíssimas no progresso dos batistas.

Muitos pregadores voluntários revelaram e desenvolveram habilidade no serviço de evangelizar quando o evangelho era pouco conhecido e o anúncio dos fatos mais simples do plano de salvação era recebido como uma pregação encantadora e poderosa. Nunca nos devemos esquecer daqueles pioneiros abalizados que, com poucas letras mas com grande desprendimento e amor ardente, despertaram as almas perdidas e levaram muitas à salvação. Reconheceram a sede e fome do povo pelo evangelho e com galhardia procuraram por todos os meios ao seu dispor repartir-lhes o pão da vida.

3.8 RELEVÂNCIA NA SOCIEDADE

Como houvesse muita carência social, os missionários pioneiros vislumbraram nisto uma excelente oportunidade para impactar positivamente a comunidade, demonstrando o evangelho na prática e fazendo a igreja relevante e reconhecida na sociedade. Desenvolveram ações na melhoria da saúde (especialmente Nelson), envolveram-se na imprensa e cultura, e sobretudo empenharam importantíssimas ações na educação. A população brasileira era, em grande parte, analfabeta. Os pioneiros viram nisto uma oportunidade para abençoar o povo, capacitando-o a ler a Bíblia, melhorando-lhe a qualidade de vida, e as condições de trabalho e renda. Nessa estratégia, tornaram-se relevantes à população, tanto ricos quanto pobres, além de viabilizar a leitura de folhetos e jornais que escreviam, e principalmente da Bíblia

(MEIN, 1982, pág. 81).

As igrejas plantadas, portanto, logo se envolveram em ações de relevância social na comunidade, o que foi uma forte arma contra as perseguições constantes por parte dos católicos romanos e contra o preconceito do público (*Ibid*, pág. 82). A partir do momento em que as igrejas se tornaram relevantes, foram protegidas pela própria população e pelas autoridades e lideranças políticas, que reconheciam o seu valor e influência (*Ibid*, pág. 83).

Merece destaque a luta de Nelson contra a febre amarela e outras mazelas da falta de saneamento básico e cuidados higiênicos no Belém e Manaus, como também ao longo do Rio. Esta ação social e de desenvolvimento econômico contribuíram positivamente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (RIBEIRO, 2011, pág. 21).

Os pioneiros não se deixaram distrair do foco da plantação de igrejas para se envolverem em ações de cunho social ou educacional, mas não desprezaram essa oportunidade de fazer das igrejas relevantes agências do Reino de Deus para as comunidades onde estavam inseridas. Eles o fizeram por meio de treinamento de líderes nacionais ou solicitando outros missionários americanos para que os auxiliassem neste mister. Fato é que a enorme influência que têm as primeiras igrejas batistas no Brasil no âmbito local, regional e nacional até os dias de hoje, está atrelada à sua importante relevância social.

3.9 ZELO DOUTRINÁRIO E DISCIPLINA NA IGREJA

Os missionários pioneiros tinham muita preocupação quanto à correção da vida dos que se iam convertendo. Pereira refere-se ao que Taylor diz em sua autobiografia acerca de como tomava a profissão de fé dos novos crentes, não

bastando que a pessoa manifestasse o desejo de se unir à igreja. O candidato ao batismo era interrogado primeiro pelos outros irmãos e especialmente pelo pastor. Se houvesse alguma dúvida era desaconselhada de apresentar-se à igreja. Mas, aprovada nesse exame preliminar, então comparecia perante a igreja toda e, depois de fazer uma declaração pessoal de sua fé em Jesus Cristo, era arguida sobre questões de casamento (se não fosse casado legalmente, não era aceito), de dívidas, de testemunho. Taylor achava que a porta da igreja não devia ser aberta com muita facilidade. Para ele, uma pessoa não-regenerada na igreja poderia causar mais prejuízo do que todo o mundo lá fora (PEREIRA, 1982, pág. 110).

O rigor na disciplina não era apenas na entrada. Caso algum deslize fosse cometido, a pessoa era eliminada do rol de membros. “O objetivo dessa chamada ‘disciplina eclesiástica’ era preservar o rebanho da contaminação daqueles que já não viviam de acordo com as normas por todos aceitas” (*Ibid*, pág. 111).

Pereira continua demonstrando que os pioneiros eram de uma firmeza doutrinária ímpar. Eram ortodoxos e não faziam concessões em matéria de doutrina. Faziam questão de pregar sobre o batismo bíblico, a Ceia restrita e os princípios característicos dos batistas (*Ibid*, pág. 111).

As constantes polêmicas que os pioneiros mantinham nos jornais, tanto com católicos quanto com missionários protestantes, acerca de temas doutrinários e eclesiásticos, demonstram o zelo que mantinham pela doutrina e ainda a influência do landmarkismo que corria em seu sangue. Taylor e Entzinger foram os maiores doutrinadores das igrejas batistas recém-plantadas no Brasil. O primeiro pela tradução e introdução da confissão de fé de New Hampshire nas igrejas batistas no Brasil, e também, como o segundo, pela tradução de inúmeros artigos e obras teológicas, bem

como por escrever livros e cartas de cunho doutrinário (*Ibid*, pág. 95 e 101).

Harrison (1987, pág, 74) faz importante observação acerca do rigor como os pioneiros tratavam a disciplina na igreja:

Durante os primeiros dias dos inícios no Rio, os resultados foram escassos, ao menos falando em números. Disciplina na igreja era caso sério desde o princípio e ainda é causa de preocupação. Os padrões adotados pelas igrejas têm sempre sido altos, em muitas ocasiões exigindo exclusão de metade do número total recebido. É difícil, para uma pessoa criada fora o evangelho, alcançar o modelo de pureza e domínio próprio exarado na Bíblia.

O Dr. H.C. Tucker, representante da Sociedade Bíblica Americana, declarou, em seu livro *A Bíblia no Brasil*, que a estatística de 1890 indicou que um sexto da população daquele tempo nasceu fora do matrimônio. Várias instituições religiosas tinham um dispositivo giratório, com abertura na rua, para receber criancinhas enjeitadas. Nós passávamos diariamente por um desses dispositivos, anos mais tarde, de ida para a nossa escola. Nossa disciplina eclesiástica no Brasil envolve desaprovação do fumo, da bebida, do baile, falta de frequência aos cultos, casamento com incrédulo e outras ofensas, menos prejudiciais, conforme a igreja em consideração.

4 TRAÇOS DE PERSONALIDADE COMUNS AOS PIONEIROS

Os livros que tratam de plantação de igreja levam em conta um tópico importantíssimo: o perfil e os traços de personalidade dos plantadores de igrejas, entendendo-os como fator *sine qua non*. Bons plantadores de igrejas, sejam eles missionários de tempo integral ou obreiros bi ocupacionais, têm em comuns alguns traços de personalidade. O mesmo se observa nos pioneiros batistas no Brasil e, em parte, explica o êxito de seu trabalho. O mesmo deve ser almejado por plantadores de igrejas no Brasil hoje, sejam missionários de tempo integral ou evangelistas bi ocupacionais.

Brandão (2014, pág. 109) propõe algumas características indispensáveis ao plantador de igrejas, quais sejam: forte convicção de seu chamado para esse ministério, vida com Deus, integridade, espírito ensinável, paixão pelos perdidos, disposição para o trabalho e visão multiplicadora. Parece uma descrição dos traços de personalidade dos pioneiros.

Joel Comiskey (2009, pág. 81) destaca: a capacidade de visionar; a motivação intrínseca; o sentimento de propriedade no ministério; a cooperação do cônjuge; a eficácia em relacionamentos com as pessoas de fora e de dentro da igreja; o comprometimento com o crescimento da igreja; a sensibilidade e compreensão à comunidade e cultura; o uso dos dons espirituais de todos na igreja; a flexibilidade para adaptar-se e ajustar-se às mudanças; espírito de coesão; grande resiliência; e, por fim, fé. Muitas destas características são observadas na ação dos pioneiros.

Lidório (2007, pág. 91) apresenta o perfil do plantador de igrejas baseado em cinco características que não devem faltar: forte convicção do chamado, integridade, espírito ensinável, ardor evangelístico e temor do Senhor. Para ele, um plantador de

igrejas que não reúna essas características, seja um missionário de carreira ou um evangelista bi ocupacional, não logrará êxito em sua tarefa.

Brock (2010, pág. 74) gasta vários capítulos de sua obra para demonstrar as características do plantador de igrejas eficaz, sobretudo quando este entende o seu papel ministerial de capacitador do rebanho e não de operário “fazedor” e arremata dizendo que para o plantador de igrejas, o estilo de vida é importante, pois este pode vir a ser uma maldição ou uma bênção. Sua saúde física, mental e espiritual será afetada pela forma como plantador aborda seu estilo de vida. Isso afeta a sua família e certamente aqueles a quem ele deseja ministrar. Brock afirma que alguns missionários se veem deixando o campo de serviço prematuramente, porque não são capazes de lidar com uma cultura diferente.

Para Carlton (2006, pág. 23), alguém que inicia e coordena um movimento de plantação de igrejas precisa ter um foco definido. Tem de manter os pés simultaneamente na colheita (pessoas a serem alcançadas) e na força de colheita (cristãos da Grande Comissão). Ele deve permanecer comprometido em buscar intencionalmente iniciar um movimento autóctone de plantação de igrejas.

Hesselgrave (1995, pág. 104) salienta a importância do dom de evangelista para o exercício do ministério do plantador de igrejas. Esse dom deve ser reconhecido pela igreja e, mais ainda, experimentado pelo crescimento e expansão da igreja na liderança e atuação do missionário, por sua visão empreendedora e apostólica⁵.

Patrick (2010, pág. 23) trabalha em seu livro “*O Plantador de Igreja*” as

⁵ Hesselgrave (1995, pág. 101) trata a palavra “apóstolo” com dois sentidos: o primeiro restrito ao pequeno grupo daqueles que foram pessoalmente escolhidos e instruídos pelo senhor, os quais tinham o “ofício de apóstolo”, para o qual não há sucessão. Em segundo lugar, há aqueles homens que tinham o “dom do apostolado”, no sentido de missionários enviados para cumprir uma tarefa – proclamar o evangelho e plantar igrejas.

características do homem capaz de alcançar êxito no trabalho de plantação de igrejas. Ele trata de um homem resgatado, chamado, qualificado, dependente, habilidoso, que pastoreia e determinado. Ao tratar da crise de identidade dos homens nesta geração, ele diz que “estamos vivendo uma crise espiritual, e vivemos num mundo povoado por *homeninos*”.

Todas estas reflexões acerca do êxito no trabalho do plantador de igrejas podem ser identificadas, em maior ou menor grau, na personalidade dos pioneiros batistas no Brasil. Esta pesquisa apresenta um resumo destas características agrupadas por afinidade em traços de personalidade em comum dos pioneiros.

4.1 PERSEVERANÇA

A experiência de Bagby como pioneiro dos batistas no Brasil é marcada por sua perseverança face às adversidades e barreiras que encontrava a cada dia. O aprendizado da língua, o conhecimento da cultura e as definições de métodos, estratégias e locais para o início e expansão do trabalho exigiam de Bagby persistência e determinação.

Falando de seu pai, Harisson (1987, pág. 60) escreve:

Papai não foi sensacional em seus métodos. A história de seu ministério em viagens não é do tipo que produz excitação, exceto na medida em que o puro evangelho por ele pregado de maneira positiva, efetiva, entusiástica resultava em milagre da graça de Deus, o que sempre produz êxtase no crente. Sua história caracteriza-se por sementeira bíblica, com ambição, regularidade, persistência e certeza de resultados.

O início do trabalho no Rio de Janeiro, por exemplo, apresentou muitas dificuldades e impedimentos que facilmente levariam alguém à desistência, não fosse a perseverança e determinação. Ainda que a Junta de Richmond desejasse até mesmo encerrar a missão no Rio e transferir Bagby para outro lugar, ele insistiu com seus líderes e permaneceu naquele campo então inóspito, pois acreditava que a situação

seria diferente (PEREIRA, 1982, pág. 86).

O mesmo pode ser dito em relação a Taylor, Ginsburg, Entzminger, Nelson, Reno e tantos outros que enfrentaram enormes dificuldades com o aprendizado da língua e adaptação à cultura, mas perseveraram. Todos estes enfrentaram duras perseguições, enfermidades e mortes prematuras de filhos e cônjuges, o que facilmente poderia fazê-los desistir, mas, ao contrário, parece que lhes firmou ainda mais a convicção de que o Brasil era o seu campo de trabalho e que não recuariam face às adversidades.

Bagby perde um filho ainda bem pequeno, e disso diz Anne Bagby: “Talvez seja assim que o Senhor prepara um lugar para nós – sim, ele às vezes tira nossos tesouros e os deposita onde a traça e a ferrugem não os atingem” (apud HARISSON, 1987, pág. 50). Reno também perdeu um filho pequeno, recém-nascido, o que lhe trouxe enorme dor (RENO, 2007, pág. 56). Entzminger também perdeu filhos, Taylor e Ginsburg perderam a esposa e todos os missionários, de uma forma ou de outra, sofreram com o luto e a perda precoce de entes queridos vitimados pelas enfermidades tropicais. Mas isso não os fez desistir ou desanimar. Ao contrário, perseveravam com maior fibra.

A perseguição intensa foi outro fator que poderia ter desanimado os pioneiros. Prisões, apedrejamentos, injúrias e discriminação eram constantes no Império e mesmo nos primeiros anos da República. Ginsburg, por exemplo, foi preso em São Fidélis e enviado num vagão de trem par Niterói, ameaçado de morte se continuasse a pregar o evangelho (GINSBURG, 1970, pág. 95). As muitas situações em que Ginsburg enfrentou perseguição em diversos lugares só alimentavam a chama de sua perseverança diante das dificuldades.

Nelson, na Amazônia, tinha limitações logísticas suficientes para fazê-lo permanecer em um único e restrito lugar, mas ele superou todas as dificuldades e contrariou todas as expectativas, viajando semanas em pequenos barcos extremamente precários, exposto a enfermidades tropicais, assaltos e perseguições. O evangelho prosperou em toda Amazônia por conta da determinação, coragem e perseverança de Nelson (PEREIRA, 1945, pág. 73).

4.2 CONVICÇÃO DE CHAMADO

Ao se apresentarem à Junta de Richmond, o casal Bagby fez seu pedido para ir ao Brasil. A Junta o recusou, alegando precisar de um casal com urgência para a China. Não ousavam inaugurar novo campo no Brasil. Harisson (1987, pág. 18) narra:

- Nós não podemos ir para a China – protestaram.
 - Por que não? – desafiou a Junta. – Se vocês consentirem em ir para a China, nós os designaremos já.
 - Não mesmo – responderam. – Deus nos escolheu para o Brasil e é para o Brasil que iremos, ainda que sem apoio.
- Vendo-os irredutíveis, a Junta cedeu.

Era esta convicção de chamado que impulsionava Bagby para ir sempre além na plantação de novas igrejas e suportar tamanhas adversidades com enorme perseverança. A marca da convicção de chamado o acompanhou em todo o tempo que esteve no Brasil e fica nítido nos seus escritos e relatos.

Taylor formou sua convicção de chamada para o Brasil antes mesmo de Bagby, embora só viesse depois dele. Estava fixo em sua mente o chamado para o Brasil e o foco na plantação de igrejas. Embora não tivesse um horizonte tão largo como Bagby, Taylor considerava o estado da Bahia como seu campo de ação e esta firme convicção o mantinha firme no seu propósito.

Ginsburg, vindo de uma conversão dramática do judaísmo, sendo escorraçado pela família e amaldiçoado pelos judeus, manteve firme a sua chamada ministerial

para o Brasil, e após o contato e convencimento pelos batistas, tornou-se ardoroso defensor e divulgador da fé batista. Homem de uma estirpe incomparável, Salomão era homem de profunda convicção e por isso disposto dar a própria vida, com alegria, pelo povo a quem Deus o enviara (GINSBURG, 1947, pág. 44).

Entzminger dedicou-se ao ministério aos 20 anos de idade, mas já sabia que o seu chamado era missionário e além. Para tanto, preparou-se o máximo que pode para exercer o seu chamado com excelência. Ouvindo nos princípios de 1891, uma pregação aos estudantes de grego, no Southern Baptist Theological Seminary, por um missionário vindo da China, o jovem teve a plena convicção de que Deus o queria em missões estrangeiras, e após ler o folheto escrito por Zacarias Taylor sobre *The Land of the Southern Cross*, entendeu que deveria vir ao Brasil, o que fez em seguida.

Logo no princípio de 1892 o Dr. Entzminger foi acometido de febre amarela e impaludismo, mas resistiu heroicamente e se tornou um dos grandes pioneiros dos batistas no Recife e no Rio de Janeiro. Ele influenciou muito profundamente na formação do pensamento e da teologia batista no Brasil (CRABTREE, 1947, pág. 111).

Eurico Nelson é um exemplo máximo de convicção de chamado. Viera para o Brasil sem apoio algum de nenhuma junta missionária ou igreja. Conseguia sustentar-se com trabalhos em navios e vendas de Bíblias, ganhando o suficiente para manter a si mesmo, sua família e ainda ajudar muitos necessitados, pois o alvo de sua vida era mesmo ganhar a Amazônia para Cristo. Não era formado em seminário e nem ordenado ao ministério, nem tinha ajuda alguma humana. “Mas decidira partir e nada neste mundo seria capaz de demovê-lo” (PEREIRA, 1945, pág. 26).

Um fato interessante aconteceu quando embarcou em Galveston para Nova

York, a fim de viajar para o Brasil. Nelson foi aos escritórios da Companhia de Navegação solicitar uma passagem com o abatimento que a Companhia costumava dar aos ministros. Declarou honestamente ao funcionário que o atendeu que não era ainda ordenado, mas que iria ao Brasil como missionário, ao que o homem lhe pediu uma prova do que estava dizendo. A resposta de Nelson foi incisiva: “olhe para o meu rosto”. Foi o bastante. A Companhia forneceu-lhe a passagem com o abatimento solicitado. A convicção do chamado estava estampada em seu rosto (*Ibid*, pág. 26).

O fruto do trabalho, a persistência e o legado deixado por Nelson ratificaria a decisão daquele funcionário da Companhia. E não seria ele o único a lhe reconhecer a chamada. Ginsburg e os demais missionários da Junta de Richmond, após verificarem o que Deus fazia no Norte por mãos de Nelson, consagraram-no para o ministério e lhe conseguiram um salário da Junta. As igrejas que plantou, os líderes que formou e os milhares de crentes que levou aos pés de Jesus são a evidência da chamada de Nelson, cuja convicção o levou a deixar sua terra natal e embrenhar-se pelas matas e florestas, rios e igarapés em toda a Amazônia.

A mesma convicção se vê em Loren Reno, que teve sua certeza de chamado no Universidade e quando decidiu vir ao Brasil apresentou-se à Junta de Missões Estrangeiras dos batistas do Norte dos Estados Unidos, que passavam por crise financeira naquele período e arquivou o processo dos Reno sem maiores explicações. Isso foi um duro golpe, mas não capaz de matar a convicção de chamado. Deus abriu uma outra porta, milagrosamente, na Junta de Richmond, e Reno veio ao Brasil (RENO, 2007, pág. 26).

4.3 DEDICAÇÃO ABNEGADA E SEM INTERESSES PESSOAIS

O que levaria alguém a deixar sua pátria e viajar meses a bordo de um navio

para enfrentar os desafios de uma terra distante, uma língua e cultura desconhecidas, um clima diferente e cheio de doenças tropicais ameaçadoras? A compensação financeira não é a resposta. Muito menos reconhecimento, prestígio ou fama. Os pioneiros vieram para o Brasil movidos por um abnegado espírito missionário que os fazia dedicar altruisticamente sua juventude em favor da salvação do povo brasileiro.

Bagby, por exemplo, viveu 57 anos no Brasil. Taylor, 37 anos. Ginsburg, 45 anos. Entzminger, 30 anos. Nelson, 40 anos. Reno, 31 anos. Christie, 39 anos. Muitos outros dedicaram vidas inteiras em terras brasileiras, por amor a esse povo. Muitos perderam cônjuge ou filhos vítimas das enfermidades tropicais e mesmo assim permaneceram no Brasil (MEIN, 1982 pág. 349-359).

Pouco antes de partir dos Estados Unidos para o Brasil, Anne Bagby escreveu à sua sogra:

Meu coração quase se parte quando penso na distância tremenda que breve existirá entre nós e as pessoas que mais amamos neste mundo. Penso tantas vezes em você, mãe, e no sacrifício que está fazendo, dando a Deus um dos mais nobres homens! (HARISSON, 1987, pág. 18).

Já em terras brasileiras, Anne Bagby escreveu:

Vocês não imaginam o quanto estou sentindo esta separação. Todos os dias, ao pôr-do-sol, vem-me uma tristeza, subitamente, que só consigo dominar com grande esforço. Às vezes sinto-me vencida. Isto se deu esta noite. Celebrei a entrada do ano novo com lágrimas copiosas. Eu sabia que seria assim, mas não ousei dizer que me sinto descontente. Geralmente estou cheia de animação (HARISSON, 1987, pág. 19).

É interessante o relato que faz Reno (2007, pág. 32) de sua chegada ao Brasil, não em tom de crítica zombeteira, mas expressando o choque cultural dos estrangeiros:

Ele (Taylor) nos levou à terra firme no pequeno bote e nós desembarcamos na frente marítima, o local mais sujo, malcheiroso e repulsivo que já vi em minha vida. Para ajudar, uma chuva fina e quente estava caindo, apenas o bastante para fazer o mau cheiro ainda pior. Eu fiquei imaginando se todo o Brasil cheirava daquela maneira o tempo todo.

A firme resistência frente às perseguições constantes foi outra demonstração da abnegação dos pioneiros. Ao invés de se deixarem abater e desanimar, sentiam-se motivados e encorajados quanto mais perseguidos eram.

Anne Bagby outra vez escreve aos parentes nos Estados Unidos:

Esta noite tenho alguma coisa a lhes contar que lhe dará tristeza e alegria... Cá está: ontem à noite, o Sr. Bagby, eu e Ermine, o Sr. Teixeira e seu filhinho tomamos o bonde perto de nossa casa e fomos ao encontro de duas senhoras que eram candidatas ao batismo.

Quando deixamos o bonde, notamos que éramos observados e, ao chegarmos perto da água, vimos que estávamos no meio de um bando de homens e meninos mal-encarados. O Sr. Bagby parecia estar de sobreaviso. Ele dissera que não queria atrair a atenção, pois o lugar era estranho, e o povo, muito ignorante e supersticioso. Mas eu lhe dissera que não antecipava problemas.

Ele pensara no barulho que os mal-intencionados às vezes fazem em nossos batismos, e não em violência. Porém nós mulheres nos pusemos de lado e estávamos armando os lençóis, para formar uma espécie de tenda, apesar de já estar quase escuro, havendo pouco luar, quando fomos alarmadas por uma agitação entre os homens. Uma voz acima de todas clamava por vingança contra esses hereges, que não podiam ficar satisfeitos, com a adoração dentro de seus lares, mas precisavam escolher lugares públicos, até mesmo nas praias, para seus cultos, que eles deviam saber ser contra a lei. Que voz raivosa e grosseira era aquela, e que barulho a acompanhou!

Eu não sabia o que pensar, porque o Sr. Bagby não vinha me assegurar que não havia motivo para alarme ou me dar alguma palavra de explicação.

Então tomei Ermine nos braços e esperei, não muito perturbada, julgando tratar-se de um bêbado que estava indo preso pelo policial.

Quando o Sr. Bagby apareceu, nada lhe perguntei. Simplesmente o segui, pois ele disse que não haveria batismo naquela noite.

Na primeira oportunidade, depois de despedirmos as senhoras, e o barulho cessado, ousei perguntar ao Sr. Bagby:

– Diga-me, do que se trata?

– De nada – respondeu. – Simplesmente fui preso.

O dia seguinte a essa perturbação foi um dos mais tristes de minha vida, pois, apesar de saber que há sempre perigo em publicar a verdade, perigo ao menos de perseguição por língua, nunca tinha eu esperado tal ousadia por parte desta gente, e só no dia seguinte consegui calma de espírito. Foi então que senti a doce resposta às minhas súplicas para submissão à vontade de Deus. Que simples resposta foi essa que eu acabava de atravessar o inesperado e havia achado força suficiente de origem divina! Por que, então me preocupar como futuro? É a vontade de Deus, o que ele está preparando para mim, ele me dará graça para suportar seja o que for.

Várias reportagens têm aparecido nos jornais em nosso favor. Cremos que o trabalho tomará um novo ímpeto, como resultado desta perseguição (HARISSON, 1987 pág. 36-37).

4.4 DEDICAÇÃO AO TRABALHO

Os pioneiros mantinham uma agenda intensa de trabalho: viagens, pregações,

aulas, visitas, obras literárias, folhetos, jornais, atividades cooperativas pré-denominacionais. O êxito no trabalho missionário não se obtém à parte de intenso trabalho e foi isso que restou provado da história da plantação de igrejas no Brasil.

Ginsburg viajava exaustivamente, no lombo de animais, de trem ou de barco. Escrevia jornais, livros e folhetos. Plantava igrejas, formava líderes e candidatos ao ministério. Construiu o primeiro templo batista no Brasil. Traduziu e compôs centenas de hinos. O Pr. Manoel Avelino de Souza, tradutor da autobiografia de Ginsburg, escreveu no apêndice do livro sobre Salomão como missionário e evangelista; Salomão como jornalista e controversista; Salomão como propagandista; Salomão como pregador e conferencista; Salomão como poeta sacro; Salomão como educador; Salomão como pastor; Salomão como amigo (GINSBURG, 1970, pág. 240).

Os relatos biográficos de Bagby mostram-no sempre em viagens e incursões evangelísticas, em treinamento de obreiros, pregações nas ruas, praças e de casa em casa, além das atividades denominacionais. Taylor viajava permanentemente pelo interior da Bahia evangelizando e plantando igrejas, além de suas atividades na imprensa e na teologia.

Nelson saía de barco de Belém no Pará e viajava de barco até Tabatinga no Amazonas, divisa com a Colômbia, parando de cidade em cidade e visitando vilarejos e comunidades ribeirinhas. Fazer esse trecho atualmente, em modernos e confortáveis barcos, é um desafio gigante, quanto mais mediante as rudes condições, perigos e desconfortos a que Nelson se submetia àquela época.

4.5 VISÃO ESTRATÉGICA DE TODO O CAMPO

Bagby fora influenciado pelos escritos do General Hawthorne quando este descreveu o Brasil como um vasto império, do tamanho dos Estados Unidos e então

com dez milhões de habitantes. Hawthorne acrescenta:

Passando os olhos pela terra como um todo, as evidências, cremos, demonstram, sem dúvida alguma, que Deus, pela sua providência suprema, preparou aquele país e aquele povo generoso para os exércitos evangelizadores de nossa Denominação especialmente para os batistas do Sul (HARRISSON, 1987, pág. 15).

Escrevendo uma de suas cartas à missão, Bagby assim descreve o seu campo de trabalho:

O campo desocupado é em si um vasto império! Os missionários são poucos e estão separados por longas distâncias. Das 24 províncias do Império, somente quatro estão ocupadas, e assim mesmo escassamente. Milhares, milhões nunca ouviram o som do evangelho. Estão, na realidade, ‘sem Deus e sem esperança no mundo’.

Minas Gerais, ao norte desta província (de São Paulo), com 2 milhões de almas, está completamente sem testemunho cristão. Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, ao sul de nós, também estão sem o evangelho, e estão brancos para a ceifa (HARRISON, 1987, pág. 32)

Em relatório à Junta de Richmond, Bagby afirma que “o Brasil tem uma parte importante com que contribuir para a história futura do mundo [...] Tomemos este império para Cristo agora, para que seja de Cristo nos anos vindouros” (*Ibid*, pág. 41).

Pereira diz que Bagby não via o Rio como sendo o seu campo de ação, mas como um cento irradiador da mensagem do evangelho para as demais províncias (PEREIRA, 1982, pág. 86). Harrison cita Crabtree ao descrever a visão do pioneiro dizendo que “desde o dia de sua chegada ao Brasil tinha a visão de evangelizar todo o país e nunca perdeu essa visão” (HARRISON, *Op. cit.*, pág. 60).

Ginsburg (1970, pág. 221-222), em sua autobiografia diz:

Os fatos acima mencionados nos ensinam, ao menos, uma enorme lição: que os brasileiros são um povo estratégico. Ganhar essa nação para Cristo e sua Causa significa muita coisa para um futuro próximo. O Brasil com suas portas abertas, terá brevemente uma população de cem milhões de almas. Estar nesse país agora, ter lugares de culto do extremo Norte ao extremo Sul, do Atlântico às fronteiras da Bolívia e do Peru, garante êxito nos vinte a cinquenta anos próximos futuros. Em vez de tentar vencer costumes e usos de centenas de milhares de anos, como os nossos missionários enfrentam na China e no Japão, no Brasil estamos em condições de ensinar e moldar para Cristo e sua verdade as gerações vindouras. Um grande povo e um grande futuro estão diante dos batistas do

mundo inteiro, e, com o auxílio de Deus devem tornar este povo e esta nação a maior comunidade batista da terra.

Taylor, embora restringisse seu trabalho de plantação de igrejas à Bahia, nunca perdeu a visão de todo o campo baiano e influenciou toda a região. Mas seu trabalho extrapolou a Bahia em termos de influência doutrinária e formação de líderes, pastores e evangelistas (PEREIRA, *Op. cit.*, pág. 95-97).

A influência de Nelson é extraordinária e sua visão de alcançar a Amazônia a partir de Belém a bordo de um barco primitivo, chegando também ao Maranhão e Ceará, é extremamente desafiadora até os dias de hoje. Nelson jamais acomodou-se ou limitou-se a uma cidade. Sempre via o campo inteiro, com dificuldades e oportunidades, lançando-se a ele determinadamente (PEREIRA, 1982, pág. 54).

Essas referências exemplificam a visão ampla, empreendedora e futurística que tinham os pioneiros acerca de todo o Brasil, não desprezando nenhuma parte ou povo. Os missionários vislumbravam que o Brasil passaria a ser um país enviado de missionários para o mundo.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho analisou estrategicamente a história da plantação de igrejas batista no Brasil pelos missionários pioneiros. O capítulo segundo fez uma panorâmica histórica do cenário do Século XIX no Brasil quando da chegada dos pioneiros. Ressaltou-se a influência da catequização jesuíta na formação do pensamento religioso e cosmovisão cristã dos brasileiros e também as nuances do cenário político, econômico e cultural no Brasil. Foram identificadas também as influências de acontecimentos mundiais sobre os pioneiros, como o Movimento Moderno de Missões, o Segundo Grande Avivamento e o movimento landmarkista. A partir deste cenário traçado, foi feito um resumo histórico da chegada dos pioneiros ao Brasil e como foram plantadas as primeiras igrejas batistas em solo brasileiro.

O terceiro capítulo destacou nove princípios de plantação de igrejas observados na ação dos pioneiros. Esses princípios foram identificados na ação de cada um deles, individualmente, e nas ações estratégicas dos missionários em conjunto. Foram estes os princípios destacados: forte intencionalidade na plantação de igrejas; escolha de cidades estratégicas; envolvimento com o povo; ênfase na evangelização; investimento na formação de líderes locais; igrejas locais com estruturas simples e foco na missão; envolvimento imediato dos convertidos na evangelização; relevância na sociedade; zelo doutrinário; disciplina na igreja.

O quarto capítulo analisou alguns traços de personalidade comuns aos pioneiros batistas no Brasil, o que coincide com os traços de personalidade esperados de plantadores de igrejas. Tais características devem ser estimuladas e trabalhadas nos plantadores de igrejas no Brasil no século XXI.

A tarefa da plantação de igrejas é hoje uma prioridade urgente para o avanço

dos batistas brasileiros, e percebe-se um real interesse por esse tema entre pastores e igrejas, bem como entre líderes denominacionais. Muitos são os vocacionados que se apresentam para esta obra. Há que se considerar com atenção as lições da história dos pioneiros para aplicá-las aos desafios atuais.

Alguns aspectos da prática dos pioneiros não encontram aplicação para o Século XXI, tendo em vista a mudança dos cenários e os contextos sociais. Um exemplo disso é a forte ênfase que davam os pioneiros na evangelização de católicos, observada na confrontação pela pregação, nas polêmicas na mídia e na elaboração dos panfletos, o que não representa a melhor estratégia para os dias atuais. Os pioneiros concentravam suas energias na preparação de argumentos, estudos, literatura e convencimento de católicos quanto aos erros da Igreja Romana. Hoje, porém, conforme censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a representação católica romana no Brasil, ainda que represente altíssimo percentual no quadro religioso, está em declínio numérico e há, dentro deste percentual, um enorme contingente de católicos nominais, especialmente nos grandes centros urbanos e entre as populações mais jovens (Portal do IBGE, Censo 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010>> acesso em 20 de outubro de 2015).

Em contrapartida, de acordo com o mesmo instituto (IBGE), há um crescimento das religiões espiritualistas, animistas e mediúnicas, que se mesclam sincreticamente com o catolicismo nominal, mais acentuadamente no Sul do Brasil (*Ibid*, acesso em 21 de outubro de 2015). Percebe-se, ao mesmo tempo, o crescimento intencional e organizado do islamismo, que alcança cristãos nominais que não tem respostas à ação proselitista dos muçulmanos que encontram no Brasil um campo

fértil. Igualmente crescente está a ação dos Mórmons e Testemunhas de Jeová, que têm conseguido vários adeptos em todo o Brasil, conforme se observas nas estatísticas oficiais. O crescimento dos grupos pentecostais e neopentecostais também representam outro desafio dos tempos atuais, trazendo uma geração de evangélicos nominais, sem evidência de novo nascimento e sem comprometimento com a Palavra de Deus. Evangelizar os evangélicos é um desafio para o plantador de igrejas deste tempo.

Outro desafio está na relativização de valores introduzida pela chamada pós-modernidade, que reduziu o valor da Bíblia, que para muitos deixou de ser a inerrante e infalível Palavra de Deus. Com isso os valores da família, da ética e da moral, que eram trabalhados pela catequização jesuíta, foram descartados e uma anarquia ideológica foi estabelecida pela mídia. O plantador de igrejas do Século XXI precisa estar atento a essa realidade e preparado para evangelizar pessoas que desacreditam na Bíblia.

Assim, não basta concentrar esforços na discussão de doutrinas católicas, muito menos usando a confrontação. É preciso ampliar os horizontes de preparação apologética e polemista para um diálogo efetivo de evangelização dos brasileiros nas suas diversas matizes religiosas.

Além do mais, deve-se sair de uma evangelização eventual para a relacional. A ação dos pioneiros, fortemente influenciada pelos métodos do Segundo Avivamento, enfocava séries de pregações e conferências, bem como os cultos dominicais com apelos evangelísticos e uso de literaturas e jornais. O que se observa nos tempos atuais é um maior êxito na evangelização baseada em relacionamentos pessoais, permanentes, intencionais, um a um. Apesar da mesma motivação e mesmo foco, o

método de abordagem mudou do coletivo para o individual. É necessário que o plantador de igrejas deste tempo esteja apto para desenvolver relacionamentos de amizade sincera com pessoas de outros credos, sem confrontos diretos como faziam os pioneiros. De outro modo, deve o plantador de igrejas proclamar toda a verdade do evangelho de modo amoroso, respeitoso e amigável, mostrando interesse pela pessoa e seus problemas. Ele deve entender os credos diferenciados de tantas religiões que permeiam o imaginário brasileiro, ou mesmo a aversão à religião ou à igreja, e até mesmo as críticas (infundadas ou não) que se fazem aos evangélicos, a fim de estar apto a responder, com mansidão e temos, convencendo com a exposição da verdade da Palavra de Deus.

Há outros fatores que devem ser reforçados ainda hoje, intencionalmente, pelos missionários plantadores de igrejas, pelas igrejas locais, pelas agências missionárias, convenções e associações, a fim de aproveitar ao máximo as oportunidades de plantação de igrejas no Século XXI. Os nove princípios destacados no terceiro capítulo são de aplicação imediata para os dias atuais.

É necessária uma forte intencionalidade na plantação, e não apenas no crescimento de igreja (o que às vezes leva à ambição por uma mega igreja). O planejamento intencional, envolvendo todos, focado no início de novas comunidades locais é imprescindível para um movimento de plantação de igrejas batistas no Brasil, e isto deve ser trabalhado estratégica e diligentemente na formação e na influência da mentalidade dos pastores e líderes batistas no Brasil.

Outro fator a ser considerado é a escolha de cidades estratégicas para a plantação de igrejas, visando disseminação de novas igrejas ao redor. Há uma tendência muito forte entre as entidades denominacionais de alcançar municípios sem

igreja batista, usando um critério geopolítico, desprezando as concentrações e aglomerados demográficos. Há que se considerar o fluxo migratório, os centros educacionais e empresariais, os polos de saúde, os novos bairros, condomínios, distritos e cidades, a fim de plantar igrejas que rapidamente se tornem autossustentáveis e multiplicadoras e, desta forma, alcancem os municípios menores.

Os plantadores de igrejas modernos também precisam reforçar a lição dos pioneiros quanto ao envolvimento com o povo. Uma igreja autóctone, saudável e multiplicadora pressupõe, necessariamente, um relacionamento intenso e relevante com a população alvo, a fim de alcançar a mente e o coração, mas também atendendo às carências físicas, emocionais e sociais, o que significa também uma observância do princípio da relevância social da igreja.

Destaca-se, também a necessidade do investimento intencional de tempo e recursos na formação de uma liderança local bíblicamente preparada e comprometida com os princípios batistas e com a visão de plantação de igrejas. A organização de seminários, a mentoria e supervisão dos seminaristas em sua atuação direta na plantação de igrejas, a valorização dos evangelistas leigos, o treinamento de líderes para as diversas organizações da igreja entre outras, eram ações estratégicas dos pioneiros para a expansão missionária no Brasil de modo consistente e de longo prazo, que devem ser reforçadas nos dias atuais pelas igrejas, agências missionárias, convenções e associações.

Outro ponto importantíssimo, que deve ser atentamente observado nos dias atuais, é que os pioneiros mantinham o foco na evangelização. A ênfase no mandato evangelístico lhes permitiu colher frutos maduros, gente convicta e regenerada. Há uma forte tendência das igrejas de hoje para o mandato cultural, desviando o foco da

missão e da tarefa essencial. A paixão pela evangelização, a partir do exemplo dos líderes e pastores, deve ser restaurada e os batistas brasileiros devem ser capacitados, treinados, estimulados, encorajados e mesmo exortados a multiplicarem discípulos em seus ambientes de relacionamentos, de modo que a Grande Comissão seja seu estilo de vida.

Um outro ponto que deve ser trabalhado é a estrutura simples das igrejas locais. Com o advento das megaigrejas a estrutura organizacional, patrimonial e gerencial tornou-se muito complexa, imitando as grandes corporações, e deixando de ser facilmente reproduzíveis (COMISKEY, 2010, pág. 53). Além disso, a organização de departamentos e programas em igrejas mais tradicionais também põe sobre a liderança, especialmente o pastor, com um fardo pesado e difícil, tirando o foco do cumprimento da Grande Comissão. Observa-se também uma sobreposição de estruturas denominacionais com uma máquina pesada e desnecessária, de tão grande complexidade que atrasa e por vezes até inviabiliza a plantação de igrejas, engessando o processo de reprodução. É preciso voltar às origens, à simplicidade do evangelho e da igreja, focalizando todas as ações, esforços e recursos para o cumprimento da Grande Comissão.

Um outro aspecto que precisa ser restaurado na ação prática dos plantadores de igreja é o envolvimento imediato dos convertidos na evangelização. Enquanto os pioneiros plantavam igrejas e rapidamente entregava a estes a liderança, há uma tendência hoje de esperar até que o convertido alcance uma maturidade para depois envolvê-lo no trabalho. Isso faz que o novo crente perca a paixão pela evangelização e o ardor pela vida cristã que estão presentes no início da caminhada de fé. Não se defende aqui a precipitação ou mesmo a liderança prematura, mas o estímulo e a

capacitação dos novos convertidos como parte de seu processo de discipulado desde seus primeiros passos na fé.

Há que se considerar também que a igreja deve ser relevante para a sociedade onde está inserida, sendo necessária, amada, respeitada e desejada. Isso não significa que será sempre simpática ou conivente. Ao contrário, deve ter posições firmes na Palavra, mas apresentar soluções práticas e uma resposta de amor às demandas e mazelas das pessoas em sua volta.

Por fim, há que se restaurar o zelo doutrinário e a disciplina na igreja. Os pioneiros eram rígidos e até intransigentes em questões de doutrina e disciplina, e nem por isso as igrejas deixavam de crescer e se multiplicar. Mas observa-se, nos dias atuais, uma alta dose de complacência com o mundanismo e com as heresias, o que gera uma frouxidão da ortodoxia e da práxis eclesial, no intento malgrado de acrescentar novos membros às fileiras evangélicas, porém com prejuízo do novo nascimento, da santidade dos crentes e da pureza doutrinária. Ainda que pareça antiquado, este princípio precisa ser reavivado na mente e no coração dos plantadores de igreja e nas orientações e diretrizes das agências missionárias e igrejas locais.

É quase impossível exagerar na importância do fator humano – o missionário – para o bom êxito na plantação de igrejas. Há, felizmente, muitos vocacionados para os campos, mas é preciso certificar-se de que preenchem os requisitos necessários para ser, de verdade, um plantador de igrejas. Por sua experiência de Gerente Executivo de Missões da JMN, este pesquisador pode inferir que há uma carência de plantadores de igrejas com as características de personalidade ideais para o exercício da função.

Do que se pode avaliar em termos traços de personalidade comuns aos pioneiros, deve ser ressaltado que o plantador de igrejas do Século XXI deve imprimir

um caráter marcado pela perseverança frente aos desafios do campo missionário. Para isso, deve estar respaldado por uma profunda e significativa experiência de conversão e chamado que lhe sirvam de âncora nos momentos de crises e dúvidas.

Ainda hoje, o missionário plantador de igrejas precisa manter uma atitude de abnegação e altruísmo, totalmente despejado de ambições ou interesses pessoais. Também deve o plantador de igrejas amar verdadeira e sinceramente o povo, interagindo e se relacionando com todos.

É certo, também que o plantador de igrejas deve ser dedicado ao trabalho. Não há mágica. Quanto mais sementeira, maior a colheita. Quem não está disposto a uma jornada de trabalho intensa não pode ser um missionário plantador de igrejas. Ainda que tenha sua vida pessoal e familiar e deve considerar um tempo particular de refrigério e descanso, o plantador de igrejas deve estar sempre pronto, disponível e preparado para não perder nenhuma oportunidade.

O missionário deve ter a visão estratégica de todo o campo. Ele não pode jamais acomodar-se a uma área restrita, ou mesmo a algumas pessoas de um povo. Deve olhar o todo, sonhar alto e almejar grandes colheitas. Então trabalhará para isso lançará suas sementes esperando grandes colheitas. A visão estratégica e empreendedora do plantador de igrejas fará toda a diferença no resultado do seu trabalho.

O conhecimento dos fatos, a análise das circunstâncias e a reflexão das lições extraídas da história dos pioneiros apontarão um caminho importante para o presente e o futuro da plantação de igrejas no Brasil. Se cada plantador de igreja, pastor de igreja local, líder de agência missionária ou de entidade denominacional reproduzirem, contextualizadamente, os fatores que impulsionaram a expansão do

trabalho missionários dos pioneiros batistas, o Brasil verá um movimento intencional de plantação de igrejas no Século XXI. Se, igualmente, forem forjados os traços da personalidade e do perfil de liderança observados na experiência dos bem-sucedidos pioneiros, haverá uma nova geração de missionários e pastores com uma enorme visão e paixão missionárias atreladas a práticas frutíferas, o que resultará em um grande crescimento dos Batistas Brasileiros. É o que se espera desta reflexão.

6 BIBLIOGRAFIA

- Álbum Batista do Brasil.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956.
- ALEXANDRE, Mário J. O. **Raízes dos Batistas Potiguares.** 1ª ed. Natal: Fundação José Augusto, 1984.
- AMARAL, Othon Ávila do. **Cronologia das igrejas batistas no Brasil do Século XIX.** Ainda não publicado.
- _____. **Marcos Batistas Pioneiros.** Mesquita: ed. Do Autor, 2001.
- _____. **O livro de ouro da CBB. Epopéia de fé, lutas e vitórias.** 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2006.
- _____. **Roteiro Histórico dos Batistas Fluminenses 1891-1976.** 1ª ed. Niterói: Junta Coordenadora e de Educação da Convenção Batista Fluminense, 1977.
- ANDRADE, Daria Gláucia Vaz de. **Colégio Taylor Egídio. 100 anos.** 1ª ed. Jaguapara: Colégio Taylor-Egídio, 1998.
- ANDRADE, Jackson. **100 anos da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte: 1912-2012.** 1ª ed. Belo Horizonte: VBR Artes Gráficas, 2012.
- ARAÚJO, Corina Amoras de. **História dos Batistas no Amapá.** 1ª ed. Macapá: Primeira Igreja Batista de Macapá, 2013.
- ASSIS, Ader Alves de. **Pioneirismo e Neopioneirismo – 100 anos de ação missionária batista em Minas.** 1ª ed. Belo Horizonte: Convenção Batista Mineira, 1989.
- ASSUMPÇÃO, Xavier. **Pequena História dos Batistas no Paraná.** Edição do Autor. Curitiba, 1976.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **Coluna e Firmeza da verdade – história da primeira igreja batista do Rio de Janeiro. Volume I: 1884-1927.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1988.
- BATISTA, Gilson do Carmo. **A inusitada trajetória de uma Igreja centenária.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brunner, 2012
- BEAVER, R. Pearce. **A história da estratégia missionária.** In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 256-268.
- BLINCOE, Robert A. **Como as águas cobrem o mar.** In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 227-244.

BORGES, Maria Fernanda Monte. **Os Pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil**. 1ª ed. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão**. 1ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja Multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2014.

BRATCHER, L.M. **Francisco Fulgêncio Soren – intérprete de Cristo em muitas terras**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

BRITO, Itamar Sousa. **História dos Batistas no Piauí. 1904-2004 Um século de lutas e vitórias**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

BROCK, Charles. **Plantando igrejas contextualizadas – Uma jornada multiplicadora**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2010.

BUENO, Eduardo. **Brasil: Uma História**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2012.

CAIRNS, Earle Edwin. **O Cristianismo através dos séculos**. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARLTON, R. Bruce. **Atos 29: treinamento para facilitar movimentos de plantação de igrejas em campos de colheita negligenciados**. 1ª ed. Rio de Janeiro: EBD Editora, 2006.

CALDAS, Carlos. **As ondas missionárias estrangeiras no Brasil**. In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 357-367.

CAVALCANTI, H. B. O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19: Comparando a experiência protestante e batista. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, nº 4, p. 61-93, 2001.

CAVALLARI, Nivaldo. **Centenário de Fé**. 1ª ed. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2003.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais**. 1ª ed. Viçosa: Editora Ultimato, 2000.

COMISKEY, Joel. **Plantando igrejas que se reproduzem**. 1ª ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2009.

CRABTREE, A.R. **História dos Batistas no Brasil até o ano de 1906**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DRUMOND, A. Alves. **Do cimo da Mantiqueira ao Vale de Rio Novo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1976.

EKSTROM, Bertil. **Missões a partir do Brasil**. In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 367-369.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **A.B.Christie, sendo pobre enriqueceu a muitos. Burma or Brazil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959.

_____. **Experiências pastorais na PIB de Guarus, Campos – RJ**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Edição do autor, 2011.

_____. **História dos Batistas Fluminenses**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

_____. **Memórias Inacabadas de um pastor, educador, escritor, jornalista, líder**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2012.

FERREIRA, Damy. **Centenário da Convenção Batista do Estado de São Paulo**. 1a ed. São Paulo: CBESP, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 52ª ed. São Paulo: Global Editora, 2013.

GAMMON, Samuel R. **The Evangelical Invasion of Brasil: a helf century of evangelical missions in the land of the Southern Cross**. 1a ed. Richimond: Presbyterian committee of Publication, 1910.

GARRISON, David. **Church Planting Movements**. Richmond: International Mission Board of the Southern Baptist Convention, 1999.

GINSBURG, Salomão Luiz. **Um judeu errante no Brasil**. 2ª ed. Rio de janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

GIVENS, Sistie. **Jane**. 1ª ed. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária Batista do Brasil, 1967.

GOMES, Laurentino. **1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

_____. **1822 - Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

_____. **1889 - Como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2013.

HARRISON, Helen Bagby. **Os Bagby do Brasil: Uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1987.

_____. **O Gigante que dorme. Biografia de William Buck Bagby.** 5ª ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 2007.

HARTER, Eugene C. **A Colônia Perdida da Confederação. A imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra da Secessão.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Nordica Ltda, 1985.

HESSELGRAVE, David J. **Plantar Igrejas – Um guia para missões nacionais e transculturais.** 2ª ed. São Paulo: Editora Vida Nova, 1995.

LANDERS, John Monroe. **Eric Alfred Nelson: the first baptist missionary on the Amazon, 1891-1939.** Tese de Doutorado em Filosofia. Forth Worth: Texas Christian University, 1982.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando Igrejas: Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas.** 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.

LYRA, Sergio. **Cidades do Interior: Uma proposta missionária.** 1ª ed. João Pessoa: Betel Brasileiro, 2013.

MATHEUS, Ruth. **Ana Bagby, a pioneira.** 2ª ed. Rio de Janeiro: UFMBB, 1996.

MATOS, Alderi Souza de. **Lições dos Avivamentos Americanos.** Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper, 2012.

MEIN, David. **O que Deus tem feito.** 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos Batistas do Brasil: de 1907 até 1935.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

_____. **História dos Batistas em Pernambuco.** 1ª ed. Recife: Typografia do C.A.B., 1930.

NOGUEIRA, Edy Guerra. **Maravilhosa e abençoada história: Igreja Batista de Corrente, 100 anos a serviço do Senhor da Seara.** 1ª ed. Teresina: Editora Halley, 2003.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

OLIVEIRA, Carlos Alberto. **A ordem de São Bento e os Batistas Caxienses**. Edição do Autor. Duque de Caxias, 2014.

OLIVEIRA, Paulo de Sousa. **Estratégias de uma missão: Salomão Ginsburg e a construção do ideário batista (1890-1927)**. Tese de Doutorado. USP, 1999.

OLIVEIRA, Valdomiro de. **Memórias de um Pastor**. 1ª ed. Vitória da Conquista/BA: Editora Betânia, 2001.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Desafios e conquistas missionárias. 100 anos da Junta de Missões Nacionais da CBB**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, 2007.

_____. **Perseguidos, mas não desamparados**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1999.

_____. **Princípios e práticas batistas: Uma abordagem histórica**. 2ª ed. Recife: Kairós Editora, 2006.

_____. **Um povo chamado Batista: história e princípios**. 2ª ed. Recife: Kairós Editora, 2011.

_____. **Ousadia e Desafios da Educação Teológica: 100 anos do STBNB (1902-2002)**. 1ª ed. Recife: STBNB Edições, 2002.

PARANAGUÁ, Correntino. **Terra de um Paladino**. Edição do Autor: Teresina, 1980.

PATRICK, Darrin. **O plantador de igreja: o homem, a mensagem, a missão**. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2013.

PATTERSON, George. **A multiplicação espontânea de igrejas**. In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 619-632.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.

_____. **O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945.

PINHEIRO, Jorge. SANTOS, Marcelo. **Os Batistas. Controvérsias e vocação para a intolerância**. 1ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

_____. **Manual de História da Igreja e do Pensamento Cristão**. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

RAY, T. B. **Brazilian Sketches**. 1ª ed. Louisville: Baptist World Publishing Company, 1912.

READ, William R. **New Patterns of Church Growth in Brazil**. 2ª ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965.

RENO, Loren M. RENO, Alice W. **Recordações Vinte e Cinco anos em Vitória, Brasil**. 1ª ed. Vitória: Convenção Batista do Espírito Santo, 2007.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. **Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Ezilene Nogueira. **Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará**. Dissertação de Pós Graduação. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011.

RICHARDSON, William L. C. **Brazilian Obsession**. 1ª ed. Nashville: Convention Press, 1978.

RONIS, Osvaldo. **Uma epopeia de fé: história dos batistas letos Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

RUMBLE, L. **Os Batistas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 1959.

SALLES, Eudora Pitrowsky. **História da Convenção Batista Carioca – 100 anos de testemunho para o tempo vindouro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2005.

SANTOS, Almir Etevíno dos. **História dos Batistas Catarinenses**. 1ª ed. Santa Catarina: Convenção Batista Catarinense, 1992.

SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2011.

SEITZ, Bruno T. **Os Batistas no Rio Grande do Sul**. Manuscrito ainda não publicado.

SILVA, Elizete da. **William Buck Bagby: um pioneiro batista nas terras do Cruzeiro do Sul**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.

SILVA, Francisco Bonato Pereira da. **100 anos de história – Igreja Batista do Cordeiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: ZIT Editora, 2005.

SOUZA, Rafael Rodrigo Ruela. **Das trilhas de Minas para a Estrada Real: Um panorama histórico da Convenção Batista Mineira.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2008.

STEFANO, Gilberto. **História dos Batistas do noroeste paulista.** 1ª ed. Marília: Edição do Autor, 2012.

TAYLOR, WILLIAM CAREY. **Zacharias Clay Taylor - Biografia.** 1ª ed. Revista Teológica, 1953.

TORBET, Roberto G. **Esboço da História dos Batistas.** 1ª ed. Leiria: Edições Vida Nova, 1959.

TOSTES, Silas. **Sou eu um apóstolo?** In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 214-220.

TUCKER, Ruth A. **Missões: Até os confins da terra.** 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.** 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WAGNER, Peter. **Estratégias Missionárias.** In Winter, R Hawthorne, SC & Bradford, KD (editores) 2009. *Perspectivas no movimento cristão mundial*, 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, pág. 564-575.

WHITE, M. G. MUIRHEAD, H.H. **In The Land of the Southern Cross.** Richmond: Foreign Mission Board, 1929.